

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O ENSINO DE HISTÓRIA: outros recursos além do livro didático

Dissertação de Mestrado apresentada
pela aluna Ana Lúcia Morais de Brito ao
Programa de Pós-Graduação em História
da UFPE, para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lúcia de Fátima Guerra Ferreira

RECIFE/MARÇO/ 2003

Ofereço esse trabalho a todos os professores que optaram por trabalhar com a área de História e aqueles que, como eu, aprenderam a gostar dessa disciplina e, mesmo não tendo cursado a graduação em História, depois decidiu pesquisar essa área do conhecimento. De qualquer forma, tanto os licenciado em História quanto os pedagogos possuem o mesmo compromisso: formar o cidadão.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a colaboração fundamental da Prof^a Dr^a Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, que além de orientadora foi amiga na difícil trajetória de se redigir uma dissertação;
- Agradeço à direção do Colégio de Aplicação – CAp - da Universidade Federal de Pernambuco que permitiu o desenvolvimento da pesquisa prática nessa instituição;
- Agradeço a importante colaboração prestada pelos professores de História do CAp: Edson Silva, Maria Idalina da Cruz Pires, Tarcísio Marcos Alves, Tatiane Trigueiro;
- Agradeço especialmente aos professores Geraldo Barroso, Virgínia Almoedo e Joana Neves que contribuíram com questionamentos e sugestões para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- Agradeço a todas as pessoas que de qualquer forma me apoiaram durante o desenvolvimento desse trabalho;
- Agradeço aos professores, que durante o processo de seleção para ingresso no mestrado, fizeram parte da banca que realizou a entrevista. Se eles não tivessem confiado na minha proposta de trabalho eu não estaria hoje concluindo um trabalho que me possibilitou ampliar meu conhecimento na área de História.

SUMÁRIO

Resumo	5
Abstract	6
Introdução	7
I. Recursos didáticos	19
II. CD Roms sobre História	48
III. Uso de filmes no ensino de História	72
IV. O trabalho com filme na sala de aula – a aplicação prática	88
Conclusão	100
Referências Bibliográficas	104
Anexos	108

BRITO, Ana Lúcia Morais de. **O ensino de história: outros recursos além do livro didático.** 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 112 p.

RESUMO

Este trabalho engloba um levantamento e análise dos vários recursos didáticos apresentados na bibliografia educacional como úteis para auxiliar o professor no desenvolvimento do ensino de História. Como os recursos são muitos, nos detivemos na análise dos chamados novos recursos didáticos - os CD Roms, e na proposta prática de uso de filmes em sala de aula. A proposta de uso de filmes foi coletada através de entrevistas, observação da aula de alguns professores de História e por meio de questionários. Busca-se apresentar em que os chamados novos recursos didáticos se diferenciam dos livros didáticos e sua utilização na prática da sala de aula.

Brito, Ana Lúcia Morais de .**The teaching of History: Other resources besides the didactic book**.2003.Dissertation (Master's degree in History).Federal University of Pernambuco,112p.

ABSTRACT

This work comprehends a research and analysis on the various didactic resources presented in the educational bibliography as being useful for helping teachers in the development of the process of teaching History. Because there are so many resources, we attain to our analysis on the new didactic ones__ the Cd Rom's , and on the practical suggestion of making use of movies inside the classroom.The proposal mentioned above has been extracted through interviews, class observations of some History teachers and through questionnaires. Our aim is to show how the new didactic resources differ from didactic books as well as their usage in the classroom.

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho utilizaremos, até a exaustão, o termo recurso didático. Logo, vale a pena esclarecermos, inicialmente, o conceito de “recurso didático” que adotaremos: **recurso didático** é o meio que podemos utilizar no ensino de História ou de qualquer outra disciplina para abordar determinado conteúdo. Esse meio pode já estar pronto ou ser elaborado pelos alunos e/ou pelo professor. Exemplo: teatro de fantoches para representar a chegada da Família Real no Brasil – o próprio preparo dos fantoches é um recurso e a representação também funciona como um recurso didático, uma vez que auxilia na abordagem do respectivo conteúdo exemplificado. Neste exemplo o professor de História poderia escolher qual caminho seguir: se juntar com o professor de Artes e pedir que ele auxiliasse os alunos a preparar os fantoches, ou se permitir que os alunos comprassem os fantoches já prontos, embora perdessem a oportunidade de conhecer o mecanismo de montagem desses objetos. Aqui citamos apenas um exemplo de “casamento” que pode ser realizado entre a História e outras disciplinas (no caso, a Arte). Posteriormente, apresentaremos outros exemplos de possíveis articulações interdisciplinares.

Este trabalho tem como campo de investigação o ensino de História, a partir da análise de alguns recursos didáticos que podem auxiliar o professor de História no cotidiano escolar, tanto aqueles mais acessíveis e mais baratos como outros mais difíceis de serem encontrados em algumas escolas, como por exemplo, o vídeo cassete para exibição de filmes e o computador para consulta a CD Roms. No caso do vídeo sabemos que o acesso a ele está se democratizando, porém, várias escolas públicas que

adquirem o equipamento não dispõem de recursos para a sua manutenção ou mesmo para a sua segurança, sofrendo arrombamentos e assaltos.

Além dessa questão, também há outros problemas que costumam ocorrer no momento em que o professor resolve utilizar o vídeo: muitas escolas públicas possuem apenas um aparelho, o que não possibilita que vários professores utilizem o equipamento no mesmo horário para reproduzirem filmes diferentes; outro aspecto importante é que as escolas públicas, ou pelo menos a grande maioria, não possui videoteca, sendo necessário realizar a locação em locadoras. Quanto a esse aspecto, muitos diretores não se dispõem a fornecer ao professor recursos financeiros para arcar com esses custos, uma vez que uma grande parte das pessoas (diretoras, inclusive, supostamente pedagogas) vêem a projeção de filmes como algo apenas para “passar o tempo” e que não será explorado em sala de aula.

Uma vez que o vídeo e os CD Roms podem ser considerados como novas tecnologias, nos detivemos no estudo deles para que fosse possível analisar de forma mais aprofundada se eles apresentam inovações apenas no aspecto tecnológico, ou também na forma como abordam o conhecimento histórico. Outro aspecto que deve ser considerado é se o professor utiliza esses recursos de forma a transmitir o conhecimento para o aluno ou se os utiliza para auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva quanto aos assuntos estudados em História. Finalmente, independente desses recursos serem utilizados em sala de aula ou recomendados para serem explorados pelo aluno em casa, devemos observar se o professor os considera como complementares ao livro didático ou a qualquer outro recurso que ele use com

frequência, ou se os filmes e os CD Roms são recursos utilizados com a mesma finalidade que os demais, qual seja, auxiliar o aluno na construção do conhecimento.

Como já exposto anteriormente, apresentamos nesse trabalho, também, algumas propostas de recursos didáticos que são mais acessíveis e mais baratos. Excetuando a breve abordagem da questão dos paradidáticos e a discussão sobre o uso da iconografia, as demais propostas, ditas acessíveis, foram apresentadas de acordo com as sugestões constantes nas obras de Neves (1985) e Callai (1986), uma vez que esses dois autores propuseram alguns recursos para auxiliar no trabalho do professor de História.

Partindo da nossa inquietação em busca da melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem na área de História, algumas questões foram se colocando no nosso horizonte de pesquisa, entre as quais destacamos: até que ponto não precisamos nos deter apenas no uso do livro didático no ensino de História; quais as possibilidades de ampliação do uso de outros recursos didáticos no nosso trabalho em sala de aula, ao abordar qualquer tema histórico; em que os chamados novos recursos didáticos se diferenciam dos livros didáticos e quais os seus conteúdos; como esses novos recursos estão sendo utilizados na prática da sala de aula.

Além destas questões, vale ressaltar a necessidade de aprofundamento das questões teóricas subjacentes aos recursos didáticos, especialmente os CD Roms e os filmes que se constituem em nosso objeto de análise. Portanto, tentaremos identificar nos CD Roms didáticos a concepção de história adotada, bem como se acompanham a produção historiográfica recente, as novas tendências. Embora os filmes se diferenciem

dos CD Roms na origem – poucos são criados como recurso didático, são passíveis de análise como representação do passado e afinidades teóricas.

Como todo trabalho voltado à Educação, este também foi elaborado levando em consideração, entre outros, os seguintes aspectos: finalidade do ensino de História, concepção de como ocorre a aprendizagem e a finalidade da Educação. Quanto à finalidade do ensino de História, acreditamos que é fornecer ao aluno condições para que ele estude, analise e reflita sobre os acontecimentos atuais à luz dos demais fatos que ocorreram ao longo da história da humanidade no Brasil e no mundo, bem como, realizar comparações entre situações atuais e situações semelhantes que tenham ocorrido em outras épocas.

Para o nosso trabalho destacamos a finalidade da Educação em formar o cidadão capaz de realizar críticas e reflexões sobre o mundo que o cerca, utilizando, para isso, o conhecimento construído através do estudo da História. O último aspecto a ser destacado é quanto à nossa concepção de como se dá a aprendizagem, uma vez que todo professor possui uma, aqui estamos seguindo a concepção de Vygotsky que considera que o processo de aquisição do conhecimento se dá através da interação aluno – aluno e aluno – professor, uma vez que o professor possui a função de auxiliar o aluno a avançar do conhecimento que ele já tem para um que ainda não foi atingido; entretanto, esse auxílio não pode ser dado apenas pelo professor, mas ele também pode ocorrer através da interação entre um aluno que ainda não tem o conhecimento sobre determinado assunto e um que já tem. A distância entre um conhecimento que o aluno já tem e o conhecimento que ele está construindo com a ajuda do outro é chamada por Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal.

Esclarecidas as concepções que nortearam este trabalho, a seguir apresentaremos um breve resumo das características básicas das linhas teóricas - Positivismo e Nova História - que serviram de base para análise dos recursos aqui explorados de forma mais minuciosa, quais sejam, os filmes e os CD Roms. Vale ressaltar que não identificamos, nos recursos didáticos por nós selecionados, influências ou inspiração marxista em nenhum deles. Portanto, não teceremos comentários sobre essa linha teórica.

Já é mais que disseminada entre os historiadores a idéia de que a história positivista é factualista, centrada nas idéias e decisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Entretanto, segundo Falcon (1997), essa concepção de História nasceu na Grécia, como podemos observar na seguinte citação:

“Se de fato a história começou com Heródoto ou não pouco importa agora. Nasceu, sim, com os gregos uma certa concepção de história: uma narrativa de certo tipo de ações heróicas ou humanas dignas de serem lembradas. A cidade-estado, os impérios, monarquias, ou, num plano mais abstrato, a República e/ou Estado, foram os centros ou núcleos que polarizaram as narrativas históricas, e nestas, o papel dos políticos e/ou homens do Estado, as teorias filosóficas, jurídicas e teológicas acerca das origens, instituições e fins da República. Surgiu e consolidou-se assim, ao longo de muitos séculos, ‘a história dos historiadores’ ou, apenas, a história. Bem mais tarde, esta história foi identificada como um tipo de história: a história política tradicional”. (Falcon in Cardoso & Vainfas, 1997, p. 62)

Essa história política tradicional exposta acima convencionou-se chamar de história positivista, para designar, inclusive, as produções historiográficas que se pautam em datas, fatos e heróis, conforme citação de Caimi (1999):

“A concepção positivista da história pode ser caracterizada, grosso modo, pela idéia de um conhecimento absoluto, definitivo e acabado; sua verdade é inquestionável desde que advinda dos documentos. Não há história sem documentos; os fatos extraídos desses documentos são encadeados em uma cronologia linear e evoluem a partir de causas e conseqüências. Nem todos os fatos são dignos de entrar para a história, mas apenas aqueles que tratam de questões realmente importantes, como os feitos de seus governantes, os heróis e as grandes batalhas. Os fatos relevantes são oriundos, geralmente, de documentos oficiais do Estado, o que gera uma ênfase excessiva sobre a história política. O historiador deve manter a neutralidade e a objetividade diante dos fatos, limitando-se a relata-los e documenta-los (para fins de comprovação)”.
(p. 44)

Outro aspecto que caracteriza a concepção positivista de História é a idéia defendida por Ranke, que aponta a tarefa do historiador como sendo narrar/descrever os acontecimentos do passado como eles realmente se passaram. Essa descrição considerada fiel e objetiva, se daria através do uso das informações existentes nos documentos oficiais, uma vez que esses eram dotados, de acordo com essa concepção, de uma visão neutra sobre os acontecimentos e os retratavam tal qual haviam acontecido.

Na história positivista não há espaço para expor o pensamento das massas, mostrar os costumes, hábitos, modos de vestir, entre outras coisas, dos povos que já habitaram e/ou ainda habitam o mundo. Esses aspectos passaram a ter espaço nas produções historiográficas que seguem as tendências da Nova História.

Dentro do campo da Nova História temos, por exemplo, a História das Mentalidades, que valoriza temas ligados à religiosidade, aos sentimentos e aos rituais.

Segundo Vainfas, os seguintes aspectos são destacados em relação aos temas abordados pela História das Mentalidades:

“Quanto aos temas é costume se destacar a preferência por assuntos ligados ao cotidiano e às representações, na falta de expressões melhores: o amor, a morte, a família, a criança, as bruxas, os loucos, a mulher, os homossexuais, o corpo, a morte, os modos de vestir, de chorar, de comer, de beijar etc. Microtemas, portanto, recortes minúsculos do todo social. Quanto ao estilo, costuma-se realçar o apego à narrativa e à descrição em detrimento da explicação globalizante”. (Vainfas, in Cardoso & Vainfas, 1997, p. 137)

Na citação acima podemos ter uma noção do viés tomado pelas abordagens que seguem as tendências da Nova História. Quando apresentamos alguns dos temas abordados pela história das mentalidades enfocamos um conjunto de pessoas e não uma pessoa em específico.

Vainfas (1997) apresenta as idéias principais acerca da História das Mentalidades, que Le Goff expôs no seu artigo “As Mentalidades – Uma História Ambígua”, publicado no livro “Faire de l’histoire”:

“Primeiramente, a questão do recorte das mentalidades, que o autor diz ser abrangente a ponto de diluir as diferenças inerentes à estratificação social da sociedade estudada. ‘A mentalidade de um indivíduo histórico, sendo esse um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo’, afirma o autor logo no início do artigo. E mais adiante: ‘O nível da história das mentalidades ... é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento é o que César e o último soldado de suas legiões, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas

caravelas têm em comum'. Em segundo lugar, quanto a esse domínio de crenças e atitudes comuns a toda a sociedade, Le Goff diz situar-se, de preferência, no campo do 'irracional e do extravagante', do que decorrem a noção de inconsciente coletivo e a recomendação de uma pesquisa 'arqueopsicológica' para desvendar esse último em investigações concretas. Enfim, a questão do tempo das mentalidades que, conforme já disse, é o tempo braudeliano da longa duração: 'A mentalidade', afirma Le Goff, 'é aquilo que muda lentamente. História das mentalidades, história da lentidão na História'". (Vainfas in Cardoso & Vainfas, 1997, p. 139)

Assim como a história das Mentalidades, tem-se a Nova História Cultural, que valoriza as manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas.

Em todas as linhas que seguem a proposta da Nova História há uma valorização de aspectos que não consideram as pessoas que se destacaram devido a algum feito heróico, mas aquelas que realmente fazem parte da construção da História: o povo, as massas anônimas.

Além dos temas abordados pela Nova História, também é importante mencionar que essa abordagem não considera como documentos apenas os considerados oficiais, tais como leis e decretos. Na abordagem da Nova História, tudo que apresenta indícios sobre o modo de fazer, de viver e de pensar da humanidade é documento, por exemplo, os mapas, as fotografias, as cartas, as músicas, os processos criminais, os diários, entre outras coisas.

A revisão bibliográfica para a fundamentação teórica da pesquisa nos permitiu conhecer em que situação se encontra o estudo sobre recursos didáticos, e quais os principais autores que pesquisam sobre essa temática. Além disso, foi a partir da produção já existente que percebemos a relativa ausência de obras que tratam da questão que é abordada na maior parte dessa pesquisa, qual seja, o uso da imagem (cd rom, filmes, iconografia).

De qualquer forma, pretendemos mostrar que não é necessário apenas nos determos ao uso do livro didático, e que podemos ampliar o nosso trabalho em sala de aula ao abordar qualquer tema histórico. Aqui nos detivemos na exploração dos Cd Roms e vídeos, mas o professor pode encontrar muitos outros recursos que se adequem à realidade da escola na qual trabalha e à realidade dos seus alunos.

Antes de iniciarmos a pesquisa de campo, tivemos o cuidado de realizar um levantamento sobre os principais aspectos da escola escolhida para a implementação da parte prática da pesquisa, para dessa forma sabermos quais as condições físicas, técnicas e pedagógicas da mesma (Anexo 1). Quanto à definição do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco como campo de pesquisa, vale destacar a sua importância como instituição ligada à Universidade e na qual, inclusive, os alunos dos Cursos de Licenciatura desenvolvem a prática de estágio, que reforça a sua natureza de escola experimental e inovadora. Além disso, esse Colégio possui um corpo docente e técnico-administrativo capacitado para propiciar o melhor desenvolvimento intelectual, moral e social possível para o aluno. Considerando a realidade das escolas pernambucanas, foi nesse Colégio que verificamos a possibilidade de encontrarmos

professores com todas as condições favoráveis para o uso das novas tecnologias que estamos analisando neste trabalho.

Além desse levantamento, utilizamos dois instrumentos de pesquisa, com estrutura de questões abertas, que aplicamos para coletar dados com os professores. No primeiro, buscamos traçar um perfil do professor e identificar quais os recursos didáticos utilizados (Anexo 2). No segundo, aprofundamos as questões sobre o uso do filme em sala de aula (Anexo 3).

A título de esclarecimento, vale destacar que sempre que usamos a expressão “uso de(o) vídeo” estamos nos referindo ao uso de filmes no ensino de História. Apesar da parte prática ter se detido em experiências com filmes, no primeiro capítulo fizemos referências aos livros paradidáticos e à música sendo utilizada nas aulas, porque mesmo não havendo tempo suficiente para pesquisar como a maioria dos recursos está sendo utilizada na prática, julgamos importante mencioná-los.

No desenvolvimento da pesquisa sobre o uso de filmes tentamos sempre acompanhar o trabalho do professor durante a aula na qual estava sendo utilizado algum filme, a fim de que pudéssemos observar o relacionamento do professor com o aluno no momento dessa atividade pedagógica, bem como a receptividade dos alunos durante o trabalho com esse recurso.

Para levantar as sugestões de trabalho, julgamos importante que o mesmo fosse feito de acordo com a programação do professor, e não o pesquisador tentar induzir o professor a utilizar algum filme para facilitar, agilizar e “engordar” a pesquisa. Dessa

forma, a pesquisa não buscou criar situações artificiais que só ocorrem com a finalidade de auxiliar no trabalho de pesquisadores provenientes da Universidade, e sim aproveitar práticas pedagógicas que os professores desenvolvem naturalmente ao longo do ano letivo.

No decorrer deste trabalho, inúmeras vezes destacamos que estamos apresentando recursos que podem ser utilizados nas aulas de História, entretanto, os mesmos podem sofrer um processo de adequação e serem utilizados para explorar assuntos que são trabalhados nas aulas de outras disciplinas.

Outro aspecto importante a ser destacado é que o professor de História, conforme já foi mencionado anteriormente, pode trabalhar em conjunto com os professores das outras disciplinas. Um exemplo de trabalho que pode ser desenvolvido é entre o professor de História e o de Matemática, que podem estudar a História do número e quais eram as características culturais, sociais e econômicas da região na qual começou a se pensar na representação numérica, e que contribuíram para a criação e o desenvolvimento dos números, tal qual temos hoje. Sugestões para a concretização de propostas como essa são inúmeras, e poderiam resultar novos trabalhos e dissertações. Em vista disso, quase não fizemos essas interligações no decorrer deste trabalho, mas elas só têm a enriquecer o trabalho do professor e do aluno.

A estruturação dos capítulos foi realizada da seguinte forma: no primeiro capítulo temos um apanhado geral de alguns recursos sugeridos por alguns autores que pesquisaram sobre recursos didáticos no ensino de História. No segundo capítulo analisamos três CD Roms na área de História, apresentando, inclusive, os conteúdos

abordados em cada um deles e uma breve análise sobre como esses conteúdos foram tratados. No terceiro capítulo apresentamos algumas reflexões sobre o uso de filmes no ensino de História, uma vez que cada vez mais está se popularizando o acesso ao cinema e ao vídeo cassete, além disso, o filme é um meio que, se bem utilizado e explorado, muitas vezes consegue prender a atenção do aluno e sair da rotina das aulas que usam apenas o livro didático. Neste capítulo, também sugerimos alguns filmes que podem ser projetados em sala de aula e algumas questões que podem ser trabalhadas. No quarto capítulo temos a parte prática da pesquisa, que inclui um perfil do Colégio no qual a mesma foi realizada, e algumas sugestões de uso de filmes elaboradas e colocadas em prática pelos professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Neste capítulo, também apresentamos a opinião dos professores de História do Colégio quanto ao uso de outros recursos didáticos (além do livro didático) para um melhor aproveitamento da aula por parte dos alunos.

CAPÍTULO I

RECURSOS DIDÁTICOS

Antes de iniciarmos a abordagem do tema recursos didáticos, vale destacar a figura do professor de História como sendo também produtor do conhecimento histórico, pois busca compreender e explicar aos alunos as tramas humanas do passado. No momento da exposição de um conteúdo, o professor elege conteúdos históricos, aspectos e visões de acordo com a sua concepção de História. Esse processo de seleção chega até a definição de quais os recursos didáticos que são mais ou menos pertinentes e adequados àqueles conteúdos. Além de produtor do conhecimento histórico, não podemos nos esquecer de que professores e alunos também participam, a cada dia, da construção da História do Brasil e do Mundo, afinal, a História não é feita apenas pelas pessoas que possuem seus nomes destacados em livros e enciclopédias, mas também pelas massas anônimas.

É importante destacar a imprescindibilidade do professor dominar o conteúdo a respeito do qual dará a aula, tendo em vista que os recursos didáticos são apenas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem e não fórmulas mágicas que garantirão o aprendizado do aluno. Além da questão do conteúdo, cabe salientar que os recursos em si não são eficientes ou ineficientes, pois para atribuímos essas características aos recursos, depende da forma como eles serão utilizados pelo professor.

Na obra de Maria Aparecida Mamede Neves (1985), *Ensinando e Aprendendo História*¹, encontramos algumas sugestões de recursos didáticos que serão elencados a seguir:

1) Análise de textos

De acordo com as sugestões apresentadas, os textos podem ser utilizados sob as formas de respostas a perguntas reflexivas, de identificação da idéia central e de palavras-chave, de síntese e de transcrição de conceitos, entre outras possibilidades.

2) Ilustração de palavras, afirmativas e idéias centrais do texto

As ilustrações podem ser feitas em grupo ou individualmente, e é no momento de passar a informação de uma linguagem para outra que podemos perceber como o aluno compreendeu a mensagem passada anteriormente.

3) Organização de vocabulário (glossário)

Pode-se pedir que os alunos elaborem explicações para alguns verbetes que são utilizados no estudo dos conteúdos de história. Por exemplo: definir grupo social, sociedade, espaço físico, socialização.

4) Análise e montagem de gráficos

Antes de montar gráficos históricos os alunos podem começar montando gráficos das próprias notas, para que assim possam ter uma melhor visão de como se dá o processo de elaboração dessa forma de representação de dados.

¹ Esse trabalho é fruto de uma pesquisa realizada pela autora no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, no livro não constam explicações detalhadas de como utilizar os recursos, mas apenas a opinião de especialistas do Colégio quanto aos usos dos mesmos.

5) A montagem de elementos

Constitui na organização de elementos isolados em grupos, a partir de alguma relação causal ou de caracterização, usando-a em níveis sincrônico ou diacrônico, dependendo dos objetivos da atividade.

6) Elaboração de idéias de História a partir de gravuras e elementos

Utilizar gravuras e elementos como subsídio para compreender conteúdos e elaborar idéias de História.

7) Organização de quadros de síntese

Nos quadros de síntese *“os elementos principais dos assuntos estudados ficam compostos num todo, que pode ter um sentido estático (de corte no tempo) e um sentido dinâmico de relações causais (com utilização de setas)”*. (p. 79)

8) A montagem das linhas de tempo

Tem por objetivo proporcionar a visualização das durações, e respectivas proporções, por meio da confecção de linhas de tempo, de preferência em papel milimetrado.

9) Análise e montagem de mapas

Esse recurso pode ser utilizado no momento de lançamento da matéria, no decorrer de uma unidade, para ilustração de determinadas propostas, ou para avaliação de conhecimentos.

10) Análise de filmes e slides

A projeção de filmes e slides pode ser realizada no lançamento da matéria ou para a fixação do conteúdo. Nesses dois casos, é necessário que antes da projeção o professor prepare os alunos e, após o professor apresente perguntas reflexivas para discussão em grupo.

11) Montagem e participação em jogos didáticos

A utilização de jogos disponíveis, bem como a criação de novos jogos, são recursos motivadores da aprendizagem, pela natureza lúdica peculiar a esse tipo de recurso (Ver exemplo de jogo didático - Anexo 4).

12) Confeção de maquetes

Através da maquete o aluno trabalha no tridimensional, construindo espaços naturais ou humanizados. Utilizando esse recurso o aluno materializa o conceito de espaço que foi visto de forma abstrata, além de lidar com o concreto, com o criar, com o construir.

13) Guia de estudos

Tem por objetivo a síntese final da matéria estudada, com vários tipos de exercícios, dando conta dos conteúdos trabalhados, possibilitando que os alunos sistematizem os conhecimentos adquiridos ao longo de determinada unidade.

Como podemos observar, as sugestões acima são acerca de recursos relativamente fáceis de serem obtidos pelo professor e trabalhados em sala de aula, uma vez que não exigem grande investimento financeiro nem por parte do professor nem da escola.

Os recursos apresentados são simples, mas apresentam sugestões e possibilidades para a dinamização das aulas de História, para que elas saiam do esquema no qual o professor fala e o aluno apenas escuta, sem proceder a uma construção e a uma busca que instigue o conhecimento.

Outro autor que aborda a questão do ensino de História, e apresentando alguns recursos didáticos é Jaeme Luiz Callai (1986). Mesmo ele apresentando alguns recursos que já foram abordados por Neves, nós os repetiremos, pois ele nos fornece uma explicação mais detalhada de como utilizá-los em sala de aula.

Em seu livro Callai não utiliza o termo “recurso didático”, mas os itens que serão enumerados a seguir são identificados por ele como sugestões para a dinamização dos conteúdos. Estamos considerando como recurso porque não deixam de ser meios para serem utilizados no ensino de um conteúdo determinado. A seguir, os recursos citados por Callai:

1. O uso do texto didático

Primeiramente o professor deve definir o espaço e o tempo que serão estudados e o que será estudado. O texto didático pode ser um roteiro para o professor abordar determinado conteúdo, ou pode ser trabalhado diretamente pelo aluno. No caso de ser trabalhado diretamente pelo aluno, o texto pode ser um material introdutório ao assunto. Depois as atividades serão desenvolvidas independente dele. Nos mesmos termos, poderá ser a conclusão do assunto.

“Ao invés disso, se a opção for trabalhá-lo intensamente, o professor poderá, dependendo da sua estrutura, dividi-lo em partes que, depois de estudadas, discutidas, serão reescritas. Em certas condições cada parte poderá dar elementos para escrever um novo texto, ou ele poderá ser reescrito no seu conjunto”. (p. 56)

Callai destaca que o texto não deve ser referencial básico para as aulas, mas apenas um dos recursos. Entretanto, é a partir da análise de um texto (ou de vários) que o aluno terá contato com várias formas de abordagem do assunto que está sendo estudado ou que será estudado. No texto o autor expõe suas idéias sobre o assunto que está explorando, porém, ao lermos o material, devemos questionar se a abordagem do autor satisfaz as questões que temos sobre o tema, se ele não poderia ter se estendido na explanação, se algum outro autor expõe o mesmo assunto sobre outro aspecto.

2. Uso do mapa

O mapa histórico deve ser utilizado para situar o aluno no espaço, no momento em que se inicia o estudo de uma nova unidade. O professor pode utilizar em sala de aula o Atlas Histórico do MEC, sendo que além dele é importante o Atlas Histórico e Geográfico.

Para se utilizar o mapa em História é necessário dominar as noções de localização e de espaço geográfico. Isso é muito importante porque no mapa histórico, por exemplo, as divisões políticas e nomenclaturas não correspondem às atuais. É exatamente no mapa geográfico que alunos e professores poderão encontrar as divisões do espaço atualizadas, para assim realizarem as comparações necessárias com o mapa histórico que estiver sendo estudado.

3.Elaboração e interpretação de cronologias

Através da elaboração de Cronologias ou Tábuas Cronológicas é possível alinhar as datas históricas na ordem de sucessão dos acontecimentos. Fazemos a listagem em sentido vertical crescente das datas e fatos relativos a um evento (tempo curto), conjuntura ou estrutura que se pretenda estudar.

Ex.: Cronologia do Processo de Emancipação do Brasil.

1807 – Uma nota franco-espanhola exigia da Corte Portuguesa uma posição anti-britânica, com o fechamento dos portos, a expulsão e o confisco dos bens dos súditos ingleses residentes em Portugal.

1808 – Chegada da Corte de D. João VI ao Brasil.

1808 – Abertura dos Portos.

1810 – Brasil e Inglaterra assinam Tratados de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação.

1815 – Elevação do Brasil à categoria de Reino.

1822 – Proclamação da Independência do Brasil.

A cronologia é importante para situar o aluno no tempo, nas épocas e períodos históricos, uma vez que algumas datas importantes marcam a história, dividem períodos e devem ser trabalhadas e memorizadas como marco referencial. Para elaborar as cronologias os alunos podem pesquisar textos ou bibliografia indicada pelo professor.

4.Trabalho com linha de tempo

A linha de tempo permite a percepção da sucessão de acontecimentos e conjunturas, e a percepção dos processos simultâneos no tempo. Pode-se começar

elaborando a linha da vida do aluno para, paulatinamente, chegar na linha do tempo da História do Brasil, por exemplo.

Na elaboração da linha de tempo é importante o uso das cores diferentes para destacar as etapas ou conjunturas que se quer marcar. Em linhas de escala pequena é aconselhável utilizar legendas. A linha de tempo deve ser traçada com escala, pois é a escala que dá a proporção do tempo representado no espaço da linha.

5.Observação e interpretação de testemunhos históricos

Testemunhos históricos são vestígios e marcas deixadas no tempo por acontecimentos de outros tempos históricos. Os vestígios podem estar na forma de documentos escritos, pinturas ou objetos de uma determinada época. Classificação desses testemunhos históricos segundo Maria Teresa Nidelcoff, citada por Callai:

- Testemunhos Escritos – cartas, relatos, jornais e revistas, crônicas, leis, notas fiscais, documentos;
- Testemunhos Figurativos – desenhos, pinturas, fotos e gravuras;
- Testemunhos Reais – os próprios objetos, como prédios, construções, meios de locomoção, monumentos, utensílios ...

6.Entrevistas

Pode-se utilizar a entrevista para registrar a história local. Isso pode ser feito através de entrevista com personagens com destaque na história do bairro ou do município. Pode-se entrevistar descendentes desses personagens ou pessoas comuns e anônimas. Através dessas entrevistas torna-se possível fazer um levantamento de inúmeros aspectos, dentre os quais destacamos os seguinte: histórias de povoamento;

formas de sobrevivência antigas e atuais; formas de organização atuais da localidade; formas de lazer e de divertimentos antigos e atuais. Através das informações obtidas nas entrevistas os alunos terão mais facilidade em estabelecer relações entre fatos e situações do passado e do presente.

Por que não aproveitar essa proposta de entrevista e as informações que os alunos podem obter através dela, para elaborar um livro? Dessa forma os alunos teriam mais uma oportunidade de explorar a escrita seguindo as orientações necessárias para elaboração de um livro que represente o resultado de um trabalho de pesquisa realizado por eles. Durante a elaboração do livro o professor pode auxiliar os alunos na reflexão sobre a utilização das formas verbais, estrutura do texto (dissertação, narração, etc.), se serão colocadas ilustrações, etc.

Este tipo de trabalho com o devido registro das entrevistas pode ser arquivado num “fichário escolar” e ser colocado na Biblioteca da escola para que seja pesquisado pelas diferentes séries.

7. Contrastes e controvérsias: uma possibilidade de dinamizar o ensino

Esse recurso objetiva colocar o aluno diante de situações contraditórias para que ele possa observar as diferenças e assimilar com maior facilidade a idéia básica.

Num primeiro momento esta atividade utiliza suposições, hipóteses e conjecturas, num segundo momento, faz uso de atividade de pesquisa e estudo, trabalho em pequenos grupos, discussões gerais para se chegar a conclusões e/ou a novos

estudos. A análise de dados e situações controvertidas possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo. Como exemplo de trabalho, Callai apresenta:

“O trabalho com notícias da atualidade, destacando um tema polêmico a nível do entendimento das crianças ou jovens, pode constituir-se num estudo possível para verificar controvérsias (discussões sobre o meio ambiente, reforma agrária, energia nuclear, etc...)”

- *Controvérsia sobre o desenvolvimento (sic) do Brasil: Teoria do Acaso x Teoria da Intencionalidade.*
- *Controvérsia sobre as razões da utilização da escravidão africana: Posição da Inadequação do Índio x Posição da Lucratividade do Tráfico”.* (p. 74-75)

8. Trabalho com quadro-síntese

Consiste na organização de dados, informações, aspectos de um determinado conteúdo correlacionados e dispostos em um quadro matriz.

Exemplo: Estudo dos Governos Republicanos entre 1889-1930.

Governo	Período	Acontecimentos principais	Característica marcante

9. Estabelecimento de semelhanças e diferenças

As observações podem ser apresentadas sob a forma de listagens, desenhos e organização de quadros comparativos. Podemos, por exemplo, estabelecer as semelhanças e as diferenças no processo de Independência do Brasil e dos demais países do Continente Americano.

10. Trabalho de síntese compreensiva através de história em quadrinhos

Essa atividade pode ser realizada através de história em quadrinhos, consistindo, inicialmente, na elaboração de um roteiro por escrito de uma história com começo, meio e fim, escolhendo um título sugestivo, criando personagens e situações visuais com pequenos textos indicativos de cada parte e/ou com diálogos. A história deve ter uma seqüência lógica e coerente.

11. Imaginação histórica

Através de alguns recursos o aluno deve recriar o ambiente histórico de épocas em que não viveu. Essa recriação pode ser, por exemplo, através de descrições, gravuras e pinturas da época estudada. Para recriar é preciso buscar analogias que permitam estabelecer relações entre passado e presente.

Exemplo para o estudo da escravidão: *“Qual a relação social que se compara ao escravismo na sociedade brasileira hoje? O que você faria se fosse escravo no período colonial brasileiro? O que você faria se fosse Senhor de Escravos em 1888?”* (p. 85)

Para trabalhar a imaginação do aluno o professor deve dominar o conteúdo e ter capacidade de expressão verbal.

12. Dramatizações

Através da dramatização desenvolve-se a capacidade de expressão oral, o movimento corporal, a expressão de idéias, a criatividade, a capacidade de organizar roteiros escritos sobre um determinado assunto em estudo.

A dramatização deve ser realizada após a conclusão de estudos sobre um determinado assunto, quando o aluno já possuir um domínio do tema e das características da época estudada. Podemos encenar situações históricas vividas pela sociedade numa determinada época, como por exemplo, a vida no engenho.

13. Painéis temáticos: confecção e estudo

O painel temático consiste na organização de figuras, ilustrações, desenhos, realidades apresentadas visualmente na forma de um grande cartaz. O tema a ser trabalhado no painel temático pode ser escolhido pelo aluno ou pelo professor. A organização do painel pode ser feita individualmente ou em grupo. No caso da organização ser feita em grupo há maior facilidade para divisão de tarefas, seleção de material, discussão sobre as ilustrações, elaboração de frases e pequenos textos indicativos, debate sobre a escolha do título, etc. Depois de pronto o painel é apresentado para os outros alunos, sendo que o grupo responsável pelo painel deve explicar a forma visual e o conteúdo que deu suporte e orientação à sua organização.

No momento da elaboração do painel, os alunos desenvolvem o raciocínio, despertam o espírito de busca, organizam-se, buscam elementos esclarecedores para as dúvidas que surgem no decorrer da pesquisa acerca do tema que está servindo de base.

14. Trabalho de pesquisa e o aproveitamento de notícias da atualidade

Através das notícias da atualidade o aluno tem conhecimento dos fatos que ocorrem no espaço em que vive e em outros mais distantes. O material utilizado pode ser jornal, revista, periódico, meios de comunicação em geral.

Exemplo: “coletar notícias de 1930 ou 1964 com o objetivo de permitir ao aluno a recriação do clima de agitação política reinante e as preocupações da época, ou até a moda e o vestuário”. (p. 90)

15. Fichários

Podem ser organizados fichários individuais ou coletivo (de um grupo ou de toda a aula), para diversos fins.

Este recurso estimula e valoriza a produção dos próprios alunos, podendo-se por exemplo, organizar um fichário com notícias da cidade e cada notícia ser acompanhada de um comentário feito pelos alunos.

16. Poemas e músicas como leituras complementares

Poemas e músicas podem ser utilizados para iniciar um estudo ou para complementar um assunto estudado. Podemos, por exemplo, aproveitar as músicas da Bossa Nova para o estudo da década de 1960 no Brasil. Também é possível trabalhar conjuntamente com o professor de Português para auxiliar os alunos na compreensão da estrutura lingüística dos poemas.

17. Estudo a partir do meio (do espaço local)

Podem ser feitas visitas a museus, localizar testemunhos históricos e realizar entrevistas com pessoas que possam fornecer dados sobre a história da localidade, da região do Estado.

As informações obtidas através das entrevistas devem ser confrontadas com outros estudos existentes sobre as questões abordadas. Callai apresenta as seguintes orientações para a organização do estudo:

- *“O professor, se possível, deve conhecer o local a ser visitado pelos alunos; entrar em contato com as pessoas responsáveis para combinar dia, horários, etc.*
- *O professor deve pedir auxílio a outros professores, a pais de alunos para acompanhar as turmas (realizar um trabalho integrado);*
- *Ao realizar entrevistas, as questões devem ser preparadas anteriormente com os alunos;*
- *Preparar os alunos para que tenham uma atitude positiva diante do trabalho de observação e coleta de dados;*
- *O professor pode organizar roteiros prévios de orientação com a localização de pontos de referência, estudo prévio da planta da cidade, etc...” (p. 96)*

18. Excursões

A excursão pode ser utilizada tanto no início do trabalho de um conteúdo como no seu desenvolvimento ou conclusão.

É importante que após a excursão sejam definidos os objetivos e o que se deseja que seja observado, para que assim o aluno não fique com sua atenção dispersa, sem ter um norte para concentrar sua observação e análise.

É interessante que após a excursão os alunos elaborem a sistematização do que foi observado que lhes chamou a atenção. Essa sistematização pode ser feita em pequeno ou grande grupo e, depois, expressa em forma de desenho, texto, poema, etc.

19. Resolução de problemas

Primeiramente o professor deve formular o problema, para em seguida serem desenvolvidos os seguintes passos:

- *“a formulação de hipóteses pelos alunos;*
- *o desejo de investigação;*
- *a formulação de um plano de investigação;*
- *a definição de instrumentos para coleta de dados;*
- *a pesquisa;*
- *a expressão escrita;*
- *o debate das conclusões finais;*
- *a elaboração das conclusões pessoais finais de cada aluno”*. (p. 98)

O professor pode direcionar o processo indicando o problema a ser pesquisado, as fontes de pesquisa, as etapas de trabalho e o cronograma.

Exemplo de problema a ser resolvido:

“Qual o significado da Independência do Brasil? Por que optamos pela Monarquia e não pela República, conforme objetivavam os movimentos pré-emancipacionistas dos séculos XVIII e XIX? Por que, apesar de todos os agentes históricos da independência se declararem favoráveis às idéias de liberdade, igualdade e fraternidade, não foi declarada, junto com a Independência, a extinção da escravatura no Brasil? Será que a libertação do Brasil de Portugal trouxe benefícios para todo o povo brasileiro?” (p. 98-99)

Assim como Neves, Callai também apresenta recursos simples. Em uma primeira leitura podemos dizer que os recursos apresentados por eles estão de acordo com a realidade de grande parte das escolas brasileiras. Entretanto, também é necessário

considerarmos o ano no qual cada um desses autores escreveu suas obras - Neves escreveu em 1985 e Callai em 1986. Portanto, não podemos cobrar desses autores sugestões quanto ao uso das novas tecnologias da comunicação e da informação, já que naquela década estava apenas iniciando o seu processo de massificação. O estudo e a apresentação, neste trabalho, das sugestões de Neves e Callai nos auxiliam na escolha de recursos que tanto podem nos ajudar quando dispomos apenas de material simples, como quando realmente não podemos ter acesso às novas tecnologias. Além disso, esses dois autores nos mostram de forma clara como estava sendo abordada a questão dos recursos didáticos na década de 1980.

Apesar da contextualização temporal das obras, sentimos falta de propostas de trabalho que possam ser desenvolvidas em conjunto com aproveitamento das aulas de História, Português, Matemática, Educação Física. Será que essa possibilidade não foi pensada pelos autores acima estudados ou apenas eles não tiveram como inserir essas sugestões nas obras que analisamos anteriormente? De qualquer forma, poderiam ter mencionado suas concepções sobre o ensino e se, na opinião deles, as aulas de História estão separadas das demais, sem possibilidade de realização de interligações, ou de atividades interdisciplinares.

Nenhum dos dois autores trabalhados até o momento referiram-se ao uso de livros paradidáticos, embora já se encontrassem com uma produção em larga escala. Aqui não nos prolongaremos muito a respeito dos mesmos, apenas citaremos, a seguir, algumas coleções que podem ser utilizadas em sala de aula.

Os paradidáticos

Atualmente temos uma maior variedade de livros paradidáticos disponível no mercado, a maioria desses livros pretende (nem sempre consegue) abordar a história de forma mais dinâmica e interessante, utilizando-se da abordagem temática da Nova História. Entretanto, há paradidáticos que se utilizam das divisões cronológicas adotadas pela história considerada tradicional.

Fonseca (1995), nos mostra algumas coleções paradidáticas que foram lançadas ao longo dos anos 1980: Repensando a História, da Editora Contexto; Discutindo a História, da Editora Atual; Polêmica, da Editora Moderna; Pergunte ao José e Atualidades, da Editora Lê; Princípios e O Cotidiano da História, da Editora Ática e “Como se Faz?” da Vozes. Vale ressaltar que a Editora Brasiliense foi a pioneira nesses lançamentos, com as coleções Primeiros Passos e Tudo é História.

Alguns livros paradidáticos que abordam períodos da História e que pertencem à coleção Discutindo a História são: *As primeiras civilizações*, de Jaime Pinsky; *O feudalismo*, de Paulo Miceli; *Do feudalismo ao capitalismo: transições*, de Samuel Salinas. Agora daremos exemplos de paradidáticos que abordam temas específicos, tendendo mais para uma abordagem do ponto de vista da Nova História: *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*, de Ronaldo Vainfas; *Anarquismo e anarcossindicalismo*, de Giusseppina Sferra; *Imprensa operária no Brasil*, de Maria Nazareth Ferreira.

- Os documentos históricos

Nas aulas de História também podemos utilizar os documentos históricos para a abordagem do conteúdo que se deseja trabalhar.

Na análise de Fonseca destacamos a relação da produção de livros didáticos e paradidáticos com a indústria cultural, cujos agentes tornaram-se “poderosos na definição de o que ensinar em História e como ensiná-la na escola fundamental” (1995, p. 155). Questão essa, que retomaremos ao tratar dos Cd Roms, no próximo capítulo.

Primeiramente, devemos lembrar que a visão de documento mudou ao longo do século XX, pois no século XIX e início do XX apenas os textos oficiais eram utilizados como documento; hoje temos o seguinte conceito de documento:

“Os documentos passaram a ser tudo o que é registrado por escrito, por meio de sons, gestos, imagens ou que deixou indícios de modos de fazer, viver e de pensar dos homens – músicas, gravuras, mapas, gráficos, pinturas, esculturas, filmes, fotografias, lembranças, utensílios, ferramentas, festas, cerimônias, rituais, intervenções na paisagem, edificações etc. As fontes escritas passaram a ser variadas – textos literários, poéticos e jornalísticos, anúncios, receitas médicas, diários, provérbios, registros paroquiais, processos criminais, processos inquisitoriais etc”. (PCN, História, 1998, p. 84)

Nessa visão de documento podemos perceber que está embutida uma nova visão a respeito dos “personagens” que participam da História de um determinado povo ou lugar. Essa percepção ocorre quando, por exemplo, na definição de documento considera-se a arte como uma importante forma de registro, já que é arte tanto a

expressão artística considerada clássica (representada por grandes nomes como, por exemplo, Dante Alighieri, na literatura) como a literatura de cordel ou o artesanato, produzidos por pessoas que, muitas vezes, nunca passaram pelos bancos escolares e que residem no Nordeste brasileiro. Assim, cada pessoa pode contribuir de acordo com suas experiências, vivências, cultura para a construção da História. Quando aceitava-se como documento apenas os registros oficiais, considerava-se que apenas os grandes heróis deveriam ser lembrados e raramente lembrava-se da participação popular na política, na economia, na cultura etc.

De todos os documentos citados acima é interessante a forma como as mais novas gerações de historiadores brasileiros estão utilizando a imagem, principalmente porque algumas iconografias já têm presença garantida na maioria dos livros didáticos. Entre as muitas imagens que estão nos livros podemos citar o “7 de Setembro de 1822”, de Pedro Américo de Figueiredo, e “A Primeira Missa no Brasil”, de Vitor Meirelles de Lima, que foi pintada em 1861.

- O uso de imagens

Para pintar o quadro “A Primeira Missa no Brasil”, Vitor Meirelles buscou informações na carta de Pero Vaz de Caminha pois, ao contrário do que se pensa, o quadro não foi pintado enquanto a missa estava sendo realizada, e sim mais de três séculos depois da realização da mesma. Esse quadro, como alguns outros, recebeu o “certificado” de verdade histórica concedido por muitos pesquisadores e professores de História, como se ele retratasse fielmente o acontecimento.

No momento em que percebemos a predominância dessas duas imagens na maioria dos livros didáticos de História podemos questionar: o que levou inúmeros historiadores a inserirem essas e não outras imagens em seus livros? Qual concepção de História que eles tinham (ou ainda tem) de História? Qual era o objetivo dessa seleção? Por que os professores de História não discutiam com os alunos as verdadeiras informações sobre essas imagens? Ou era necessário que os alunos continuassem com a visão histórica equivocada transmitida por essas imagens para não alterar a visão de que as concepções européias sempre são corretas, já que no quadro “A Primeira Missa no Brasil” está implícita a idéia de que os índios possuíam uma crença errada e que todas as pessoas devem ser católicas?

Por um lado é gratificante podermos refletir sobre a construção e o ensino de História, mas por outro lado, pensamos como pode estar sendo vista a construção da História, atualmente, pelas pessoas que tiveram toda sua formação escolar direcionada à História eurocêntrica ou a outros parâmetros considerados superados.

Vejamos a seguir a posição de Eduardo França Paiva (2002) quanto ao quadro “A Primeira Missa no Brasil”:

“O mais impressionante na história da apropriação dessa tela pelo imaginário coletivo nos últimos cento e poucos anos posteriores à sua produção é que para a maioria de nós ela aparece como possivelmente contemporânea à chegada dos portugueses, em 1500. É como se na esquadra de Cabral, além do famoso Pero Vaz de Caminha, que escreveu a carta, descrevendo as novas terras, houvesse, também, um pintor oficial que teria retratado in loco a missa da conquista. Para inúmeras gerações de brasileiros, esse evento assim como seus personagens

foram, exatamente, da forma como se pode admirar na pintura de Meirelles”.
(p. 93-94)

Há também a gravura de Jean Baptiste Debret que pode ser utilizada para estudar a questão do trabalho no Brasil. O aluno observará a prancha *O colar de ferro – castigo dos fugitivos*, e poderá identificar os personagens nela presentes, suas ações, vestimentas, calçados e adornos, os ferros presos aos corpos de alguns deles, os demais objetos presentes na cena e suas características, o cenário, o tipo e o estilo de edificações ao fundo, o tipo de calçamento do ambiente, se há presença de vegetação, o que está em primeiro plano e ao fundo da gravura, sobre o que ela fala no seu conjunto e detalhes, onde acontece a cena, se passa a idéia de ser cotidiana ou um evento específico e raro, diferenças e semelhanças entre os personagens, suas vestimentas e ações, se os personagens e os objetos remetem para algum evento histórico conhecido, se tal cena ainda é vista hoje em dia, se as pessoas ainda se vestem do mesmo modo, como é a relação entre o título da gravura e a cena retratada, o que o artista quis registrar ou comunicar, se o estilo é semelhante ao de outro artista já conhecido. Além dessa análise, o aluno também pode pesquisar quem é o artista, qual a sua história, em que época a gravura foi feita, qual o lugar que retrata, quais as razões que levaram o artista a fazê-la, se os seus textos esclarecem outros aspectos da cena não observados, onde a gravura original pode ser encontrada, como foi preservada, desde quando e por qual meio tem sido divulgada. Também pode-se pedir que o aluno relacione a gravura com contextos históricos mais amplos, identifique ou pesquise outros eventos da História brasileira relacionados a ela².

² PCN, História, 1998, p. 87

O trabalho com imagens é muito bom e estimulante para o estudo da História, entretanto, quando olhamos uma imagem devemos ter alguns cuidados no momento de adotá-la como uma verdade histórica:

“A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada com muito cuidado. Não são raros os casos em que elas passam a ser tomadas como verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um evento, um determinado costume ou uma certa paisagem. Ora, os historiadores e professores de história não devem, jamais, se deixar prender por essas armadilhas metodológicas. E, é importante lembrar, quanto mais colorida, mais bem traçada, mais pretensamente próxima da realidade, no passado e no presente, mais perigosa ela se torna. (Paiva, 2002, p. 18)

Vale ressaltar que os recursos das críticas interna e externa das fontes não podem ser esquecidos pelo historiador diante de qualquer tipo de registro histórico que irá utilizar. Além das perguntas *“Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Por quê? Como?”*, Paiva ressaltava outros procedimentos, quais sejam:

“Primeiramente deve-se se preocupar com as apropriações sofridas por esses registros com o passar dos anos e, evidentemente, diante das necessidades e dos projetos de seus usuários. Além disso, temos que nos perguntar sobre os silêncios, as ausências e os vazios, que sempre compõem o conjunto e que nem sempre são facilmente detectáveis”. (2002, p. 18)

Como já havia sido destacado anteriormente, a extensa, porém útil citação exposta acima, chama a nossa atenção para os cuidados que precisamos ter no momento

em que escolhemos uma imagem para nos auxiliar no estudo de determinado conteúdo histórico. Mesmo não tendo sido apresentada essa ressalva, achamos que no momento em que optamos por utilizar com os alunos as imagens, é interessante coletarmos a impressão, o significado que elas apresentam para eles, pois, dessa forma, o professor pode fazer um contraponto entre o significado que ela possui entre os historiadores e o significado que os alunos atribuem a elas. É a partir dessa contraposição que podemos verificar, por exemplo, a concepção de História que o aluno construiu ao longo da sua vida escolar.

Também devemos ter o cuidado de não inventar significados para facilitar o encaixe da imagem em seu tempo.

De acordo com a nova concepção de documento apresentada acima podemos, inclusive, utilizar fotografias no estudo de um determinado fato histórico. Entretanto, ao trabalhar com fotografia, o historiador necessita analisar o que está sendo revelado e o que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Na fotografia é importante tanto o que é mostrado, como o que foi excluído. O que deve ou não deve ser fotografado varia, entre outros aspectos, de acordo com o objetivo do fotógrafo.

Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad, no artigo “História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema”, parte integrante do livro *Domínios da História*, sintetizam da seguinte forma a importância da fotografia no estudo histórico:

“É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar

fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento. (Cardoso & Mauad, in Cardoso, 1997, p. 406)

A apresentação acima da idéia imagem/monumento, significa que a fotografia pode indicar o que, no passado, a sociedade queria guardar para o futuro, tendo em vista o seu caráter de registro produzido intencionalmente, marcado pelo olhar do fotógrafo e, por vezes, pelos interesses do fotografado.

- O uso da música

Anteriormente já citamos sobre a possibilidade do uso da música como recurso para o ensino de História. Essa possibilidade é abordada no texto “Linguagem e Canção: uma proposta para o ensino de História”, de Marcos F. N. d’Eugênio, Maria Cecília Amaral e Wagner C. Borja, que sugere o estudo de História do Brasil, no 2º grau, através das canções da MPB (Música Popular Brasileira) produzidas entre 1930 e 1984, utilizando-se de um olhar crítico e apaixonado.

Os autores justificam a importância da canção como documento sócio-histórico devido a sua penetração social (significação social). Além disso, a canção recebe influências do contexto histórico e apresenta uma leitura da realidade social, entre outras possíveis.

O trabalho com a música se constitui, de início, na seleção das canções, em função de alguns temas trabalhados no conteúdo de História do Brasil. A escolha das canções deve considerar a linguagem e o método de análise que será utilizado. No caso do exemplo apresentado no texto foi escolhido um conjunto de canções produzidas numa época e procurou-se analisá-las “em bloco”. Procurou-se contrapor uma canção a outras produzidas no mesmo período, que por vezes chega a ter um conteúdo antagônico às outras do mesmo bloco. Buscou-se mostrar também como temas e procedimentos artísticos foram recuperados num outro momento e contextos históricos.

- Os patrimônios históricos

No ensino de história também podemos fazer uso dos patrimônios históricos, que de acordo com Silva (1995), podem ser considerados como tal os seguintes itens: pintura, escultura, música, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, vestimentas, materiais de diferentes arquivos, acervos bibliográficos, falas e práticas de múltiplos agentes sociais. Quanto aos monumentos existentes no bairro, na cidade, no estado ou no país, vale ressaltar a relevância do seu uso didático, podendo ser visitados e relacionados aos conteúdos que se está trabalhando, especialmente pelos seus valores artísticos e históricos.

Um aspecto que deve ser destacado é quanto ao fato das grandes construções arquitetônicas (Igrejas, palácios) serem consideradas patrimônio histórico, e as favelas, cortiços e outras habitações populares não o serem. Mas por quais razões as habitações populares não são consideradas patrimônio histórico? Quais são as características que a construção deve apresentar para receber esse título? Considerar as favelas como

patrimônio histórico não seria uma forma de defender a perpetuação da pobreza e inculcar nos moradores o conformismo com sua situação econômica e social? Recentemente, terreiros de Umbanda foram tombados pelo patrimônio histórico na Bahia. Contudo, exemplos dessa natureza ainda são raros.

Silva (1995) explicita a finalidade para a qual deve-se articular patrimônio histórico e educação, explorando seus aspectos pedagógicos e mesmo de exercício da cidadania:

“articular patrimônio histórico e educação em nome de entender e garantir diversas identidades sociais, com diferentes vozes definindo as historicidades vivenciadas e estudando os patrimônios ampliados para a condição de virtualidades assumidas pelos seres humanos rumo a novas invenções da realidade”. (p. 54)

Além dos patrimônios históricos, para abordar os conteúdos de História podemos utilizar os recursos museológicos, questão que será discutida no próximo item.

- Os museus

Encontramos no livro organizado por Circe Bittencourt, “O Saber Histórico na Sala de Aula”, a seguinte definição de museu:

“... uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa, educação e lazer”. (apud Almeida e Vasconcellos, 1998, p.105)

A partir dessa definição, alguns museus facilitam sobremaneira o trabalho a ser desenvolvido pelo professor com os alunos. Como exemplos modelares temos o Museu Histórico Nacional (RJ) que fornece cursos e material de apoio com a finalidade de facilitar o trabalho do professor com seus alunos; e o Museu da Inconfidência (MG) desenvolve atividades pedagógicas voltadas para os alunos oferecendo cursos de atualização para professores numa tentativa de inter-relacionar pesquisa e educação.

No livro “O Saber Histórico na Sala de Aula”, de Circe Bittencourt, há o artigo “Por que visitar museus”, no qual os autores Adriana Mortara Almeida e Camillo de Mello Vasconcellos apresentam os seguintes pontos que são importantes para o planejamento de uma visita a museu:

- . *“Definir os objetivos da visita;*
- . *Selecionar o museu mais apropriado para o tema a ser trabalhado; ou uma das exposições apresentadas, ou parte de uma exposição, ou ainda um conjunto de museus;*
- . *Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado;*
- . *Verificar as atividades educativas oferecidas pelo museu e se elas se adequam aos objetivos propostos e, neste caso, adapta-las aos próprios interesses;*
- . *Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos;*
- . *Coordenar a visita de acordo com os objetivos propostos ou participar de visita monitorada, coordenada por educadores de museu;*
- . *Elaborar formas de dar continuidade à visita quando voltar à sala de aula;*
- . *Avaliar o processo educativo que envolveu a atividade, a fim de aperfeiçoar o planejamento das novas visitas, em seus objetivos e escolhas”.* (p. 114)

Os recursos citados acima são os que podemos considerar como “mais fáceis” de serem utilizados, entretanto, atualmente podemos contar com recursos mais avançados que os apresentados acima, porém são mais caros e não estão ao alcance de todos os professores e de todas as escolas brasileiras. Um dos recursos mais caros que temos no mercado hoje é o microcomputador, que devido ao alto preço não permite que todas as escolas o adquira. Outros equipamentos se tornam caros devido à situação econômica do Brasil, entre esses equipamentos podemos citar o vídeo cassete, que nem sempre encontramos no ambiente escolar.

Após essa visão panorâmica dos recursos didáticos apresentados na literatura consultada, vale destacar a importância e a necessidade do uso desses recursos para a melhoria do ensino fundamental, contudo sem perder de vista as suas potencialidades e limitações. As posturas crítica e criativa são fundamentais para o bom desempenho do professor, tendo em vista que alguns recursos são mais “modernos”, outros mais “tradicionais”, mas a utilização de qualquer um deles depende muito do professor, da sua formação teórico-metodológica, das condições operacionais na escola e da motivação dos alunos.

Como este trabalho pretende abordar a questão dos recursos didáticos, seguindo as trilhas e dando continuidade ao trabalho desenvolvido pelos autores Neves e Callai, que trataram da temática na década de 1980, nos próximos capítulos enfatizaremos o uso de um dos recursos da informática (CD Roms) e de filmes no ensino de História – recursos mais ligados à realidade das décadas de 1990 e 2000. Sem dúvida, os filmes são um tipo de imagem e linguagem que podemos utilizar em sala de aula, juntamente com as fotografias e pinturas. A ênfase na informática também é necessária, pois pouco

a pouco o computador está começando a penetrar nas escolas e no dia-a-dia das pessoas. A escola e o ensino não podem ficar à margem das novas tecnologias educacionais, ou da utilização das novas mídias como recurso didático. Não pela novidade inconstante, mas como esforço necessário de atualização permanente.

CAPÍTULO II

CD ROMS SOBRE HISTÓRIA

Neste capítulo discutiremos sobre o uso de CD roms em História, bem como analisaremos alguns que escolhemos aleatoriamente. No momento que discutimos o uso de Cd nas escolas, bem como sua utilidade, não devemos nos esquecer que para utilizar esse material também é imprescindível a presença do computador e o fornecimento de suporte para que o aluno aprenda a manusear esse equipamento e retire do CD todas as informações e recursos que ele possui para auxiliar no processo educacional.

Atualmente, no mercado, existe a venda inúmeros CD Roms voltados para o estudo da História Brasileira e Mundial. Alguns aspectos devem ser considerados no momento da escolha dos CDs e da utilização com os alunos:

- 1) Qual é a visão de História presente no material: Positivista ou Nova História?
- 2) O material apresenta documentos que auxiliarão no estudo histórico?
- 3) A parte iconográfica reproduz apenas gravuras existentes nos livros didáticos de História ou traz imagens que ainda não foram tão difundidas?
- 4) Caso apresente biografia de pessoas que fizeram parte da História de determinado lugar em um certo período, quais são os aspectos analisados da vida desse personagem? Analisa-se apenas a sua vida adulta e as suas conquistas, ou a sua infância? As dificuldades ao longo da vida também são consideradas? A pessoa é apresentada como um ser perfeito, como um herói, ou como alguém com qualidades e defeitos, que passou por dificuldades, teve alegrias e tristezas no decorrer da vida?

- 5) O material proporciona que o estudante entenda como se dá a construção da História ou os fatos são apresentados como estanques e pré-determinados?

Como já mencionamos no capítulo anterior, a postura crítica diante desse novo material didático, não pode ser esquecida. Embora a informação encontre-se em suporte eletrônico e os recursos tecnológicos sejam os mais avançados possíveis, os professores precisam analisar os CD Roms didáticos tendo em conta o discernimento necessário, sem deslumbramentos diante de uma nova mídia. O CD não deve ser visto apenas pelo lado tecnológico, mas também considerando o conteúdo que ele traz, se realmente vai ter utilidade para o aluno ou se apenas estará substituindo o livro. A questão em História não é mudar o material, mas adotar uma postura sobre o conhecimento que não torne o aluno um repetidor de informações, mas alguém que reflita sobre elas. Podemos até utilizar em nossas aulas os documentos ditos oficiais, mas o aluno precisa analisá-lo e tentar extrair deles informações que o ajudem na construção do conhecimento.

Dentre os CDs disponíveis no mercado, selecionamos três para desenvolvermos a nossa análise, sendo um tratando da História Geral e dois sobre a História do Brasil.

2.1 “AVENTURA VISUAL: HISTÓRIA DO MUNDO – UM GUIA ATUAL E COMPLETO, EM CD ROM, SOBRE A HISTÓRIA DA HUMANIDADE”

Nesse material a divisão da História está definida com critérios variados, ora utiliza terminologia mais tradicional (como Mundo Antigo, Clássico ou Moderno), ora adota temas para balizar os períodos. Embora o viés eurocêntrico esteja presente na periodização, em cada período demarcado são apresentadas informações sobre a

História da África & Oriente Médio, Ásia & Oceania, Europa, Américas. Veja a seguir como esse material está dividido:

- a) até 500 a. C. = Mundo Antigo;
- b) 500 a. C. ~ 500 d. C. = Mundo Clássico;
- c) 500 d. C. ~ 1100 = As grandes religiões;
- d) 1100 ~1492 = Os Conquistadores;
- e) 1492 ~ 1600 = Era das Descobertas;
- f) 1600 ~ 1700 = Expansão e Comércio;
- g) 1700 ~ 1825 = Era das Revoluções;
- h) 1825 ~1900 = Nações e Impérios;
- i) 1900 ~1945 = Mundo em Guerra;
- j) após 1945 = Mundo Moderno.

Os continentes estão representados em um globo, Além disso, há quatro livros que abordam os seguintes aspectos históricos: vida cotidiana, cultura, inovações, quem é quem. Temos também uma parte referente a documentos e uma seção com testes sobre vários assuntos históricos. Os testes estão apresentados de forma que podem ser jogados por mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Para pesquisar sobre alguma área do globo, o pesquisador deve clicar sobre uma das dez periodizações que são apresentadas na parte inferior da tela e logo depois clicar sobre a região escolhida. Por exemplo, se clicarmos sobre o período “até 500 a.C.” e, em seguida, sobre “África & Oriente Médio”, serão elencados os seguintes tópicos para consulta:

- Os Hebreus;
- Impérios da Mesopotâmia;
- Primeiras Cidades;
- Vida no Antigo Egito;
- Primeiros Agricultores;
- O Egito dos Faraós;
- Primeiros Humanos;

Ao final dos tópicos temos a apresentação de temas que se relacionam, de alguma forma, com o período e região selecionados. Essas relações também podem ser estabelecidas entre acontecimentos ocorridos em dois continentes diferentes. A exemplo:

Temas relacionados:

- 1) Civilização do Índio;
- 2) Caçadores das Planícies.

Em linhas gerais, apresentamos alguns pontos positivos deste Cd, como um dos recursos didáticos para o ensino e a aprendizagem:

- o CD apresenta uma breve informação relativa a cada assunto, sendo que cada assunto abordado possui links para complementação de informações, datas, fatos e documentos;
- o CD também possui ilustrações que auxiliam no contato do estudante com locais e objetos que, algumas vezes, estão presentes apenas nas chamadas “obras raras”, que, como o próprio nome diz, são difíceis de serem encontradas;

- podemos dizer que esses recursos facilitam a pesquisa para o aluno e a torna menos cansativa do que através de livros, por exemplo;
- utilizando um recurso multimídia, como o CD, o aluno se desloca em um espaço de pesquisa mais abrangente;
- o fato desse CD possibilitar a pesquisa sobre fatos importantes de uma determinada região dentro de um determinado período cronológico facilita para o aluno a localização do fato em um determinado espaço e tempo.

Apesar de algumas críticas, não podemos negar a necessidade dos estudantes saberem, por exemplo, onde e quando ocorreram fatos que marcaram a História Nacional (brasileira) e Internacional.

Este CD seleciona diversos acontecimentos da História da Humanidade a serem abordados, porém, sabemos ser impossível a abordagem de todos os fatos, de todos os povos que já existiram e existem no mundo. Os assuntos são abordados de forma breve, apenas esclarecendo o tópico que está sendo trabalhado, se fazendo necessário que o aluno pesquise outras fontes se quiser aprofundar o estudo do assunto selecionado.

Podemos perceber no CD a predominância da abordagem de fatos políticos pertencentes a cada região e período. Este aspecto mostra uma ênfase de acordo com a vertente Positivista da História, ou seja, entre outras características enfatiza fatos e datas, mas como veremos adiante, também está presente no material a abordagem de aspectos da história da humanidade que são tratados do ponto de vista da História Nova.

Outra seção do CD trata de fontes documentais, referentes aos períodos e regiões nos quais o conteúdo do CD está dividido. Os documentos apresentados têm uma explicação narrada de forma a despertar a atenção do aluno que está realizando a pesquisa.

Alguns documentos apresentados já se propagaram através da apresentação nos livros didáticos e nas enciclopédias, entretanto, outros ainda são difíceis de serem encontrados, como por exemplo, um Manuscrito do Mar Morto que demonstra a crença hebraica num deus todo-poderoso, e o Primeiro Mapa-Múndi.

Analisando os documentos apresentados, temos a impressão de que durante a elaboração desse material houve a preocupação de se coletar documentos que demandariam muito tempo e esforço se o aluno fosse procurá-los nos seus locais de origem ou onde, hoje, estão arquivados, uma vez que encontram-se espalhados pelas diversas partes do mundo. Basicamente, esse CD expõe documentos que são essenciais para o estudo histórico, considerando-se o contexto no qual cada um foi elaborado. Lembrando que, para nós, documentos não são apenas os oficiais, mas tudo que retrate o modo de viver, pensar e agir de determinado povo. Neste CD foram considerados documentos apenas os oficiais (leis e decretos), mas mesmo assim o conhecimento deles não atrapalha o aluno no desenvolvimento do conhecimento histórico, uma vez que ele não precisa se deter na visão de um documento, mas pode buscar também outras informações que tenham sido elaboradas ao longo da História do período e do local que ele esteja estudando.

Na seção “Faça o Teste” as perguntas são divididas em três categorias: pessoas, lugares e fatos. Há a possibilidade da pessoa que está respondendo os testes se deslocar para o ponto no texto que possui a resposta da questão apresentada.

Vale ressaltar que os testes possibilitam o conhecimento sobre várias questões relativas à História Mundial e, ao mesmo tempo, aguçam a curiosidade de quem está respondendo eles.

O CD conta com uma seção denominada de “livros”, num total de quatro, abordando temas que seguem um viés mais voltado para as concepções da Nova História e que abrangem os períodos estudados neste material que estamos analisando. São eles:

- Vida Cotidiana:

Apresenta aspectos sobre o vestuário, a alimentação e a medicina. No tratamento destes itens temos a influência da Nova História que dá importância para os elementos do cotidiano e não apenas para datas e fatos políticos.

Na abordagem sobre o vestuário, ao longo da História da Humanidade, temos a explanação sobre os seguintes tópicos: primeiras roupas; Egito antigo; Grécia e Roma antigas; Império Bizantino; trajes vikings; vestuário medieval; Império Asteca; tecidos da África Ocidental; trajes japoneses; roupas de baixo; moda no século XX.

Através da leitura do conteúdo de cada um dos itens enumerados acima temos um panorama geral da História do Vestuário desde cerca de 30000 anos atrás (Idade do Gelo) até o século XX.

Quanto à História da Alimentação temos a abordagem dos seguintes tópicos: caça e coleta; Egito Antigo; banquetes clássicos; arroz; o milho nas Américas; cozinha Medieval; especiarias; pimenta; açúcar; chá; Dia de Ação de Graças; conservação de alimentos.

No item sobre a medicina são tratados os seguintes tópicos: curandeiros; remédios antigos; medicina chinesa; medicina greco-romana; medicina islâmica; lições de anatomia renascentista; sanguessugas e sangrias; vacina contra a varíola; anestésicos; luta contra as infecções; raios X; drogas fantásticas.

Vale ressaltar que esses três temas não são abordados detalhadamente ou em profundidade, mas sim como um panorama geral ao longo dos tempos. Mas, sem dúvida o estudo de aspectos da vida cotidiana também nos possibilita obter algumas informações como, por exemplo, sobre a economia. Quando observamos o vestuário utilizado pelas mulheres no século XIX temos condições de perceber quais faziam parte da nobreza e quais eram da plebe. Entretanto, nos séculos XX e XXI esse discernimento quanto à situação financeira, observando-se o modo de vestir das pessoas, tornou-se mais difícil, uma vez que muitas pessoas que possuem uma condição financeira que, teoricamente, lhes possibilitaria apenas manter o básico necessário para a sobrevivência (alimentação, vestuário, aluguel, energia e água), compram roupas caríssimas e pagam em inúmeras parcelas, exatamente porque desejam estar vestindo algo que apenas as pessoas pertencentes à classe média e à alta tem condições de adquirirem sem, contudo, se endividarem.

- Cultura

Este livro aborda tópicos sobre a arte, as construções e a escrita. Sobre a arte são apresentadas informações sobre os seguintes aspectos: pintura rupestre; arte egípcia; escultura grega; joalheria celta; mosaicos romanos; pintura chinesa em seda; tapetes persas; porcelana Ming; Michelângelo; Rembrandt; pintura impressionista.

Como já foi mencionado anteriormente, não é possível se dar conta de informações relativas a todos os povos e épocas que fazem parte da História. Cada autor seleciona tópicos que ele julga serem importantes para serem explicados e divulgados. Dessa forma, não temos uma abordagem total sobre a arte ao longo da história da humanidade, mas sim a explicação de alguns tópicos que foram julgados como importantes para a divulgação do conhecimento sobre a arte. Nessa seleção, sem dúvida, é considerado o que o autor acha que deve ser divulgado e o que não merece destaque. É nesse momento que podemos perceber suas concepções de mundo, de sociedade, de homem, de educação.

Os itens sobre as construções que foram escolhidos para serem tratados foram os seguintes: pirâmides; Parthenon; Coliseu, Chichén Itzá; Catedral de Chartes; Alhambra; a Cidade Proibida; Catedral de Florença; Castelo de Lwdwuig; Torre Eiffel; arranha-céus; Sydney Opera House.

Podemos perceber que as construções apresentadas encontram-se na Europa, América Central, Ásia e América do Norte, sendo que há maior destaque de construções localizadas na Europa. Por qual motivo não há referências, por exemplo, às construções

brasileiras, africanas, indígenas? Mesmo no momento de se analisar a arquitetura, podemos observar uma valorização de tudo que é feito no primeiro mundo.

Sobre a escrita os tópicos abordados foram os seguintes: primeiras escritas; escrita egípcia; Pedra da Roseta; escrita chinesa; alfabetos; papiros; pergaminhos; papel; iluminuras; imprensa; máquinas de escrever; processadores de texto.

- Inovações

Este livro aborda os seguintes assuntos: invenções, transportes e armas. Sobre as invenções são abordados os seguintes temas: metalurgia; irrigação; cálculo; medição do tempo; moinhos; lentes e telescópios; lâmpadas e iluminação; telégrafo e telefone; fotografia; cinema; rádio; televisão; exploração espacial.

As invenções enumeradas acima podem ser consideradas como sendo aquelas que, de uma forma ou de outra, representaram uma melhora no modo de vida da população ao longo da história. Entretanto, devemos lembrar que essas invenções não chegavam rápido ao conhecimento de todas as pessoas, o acesso às novas tecnologias era lento nem todas as pessoas podiam adquirir esses utensílios.

Sobre transportes são abordados os seguintes itens: barcos primitivos; transporte sobre rodas; primeiras estradas; canais; navegação; navios europeus; diligências; balões e dirigíveis; barcos a vapor; ferrovias; automóveis; bicicletas e motocicletas; aviões.

Os itens abordados sobre as armas são os seguintes: armas primitivas; armas de arremesso; legionários romanos; cavaleiros; bestas; primeiras armas de fogo; armas

curiosas; pistolas; metralhadoras; tanques; aviões da Segunda Guerra; mísseis avançados.

- Quem é Quem

Neste livro são apresentadas biografias de várias personalidades que se destacaram ao longo da História da Humanidade.

Temos a apresentação da biografia das seguintes pessoas: Abraham Lincoln; Adolf Hitler; Alexandre, o Grande; Aníbal; Aquenaton; Atahualpa; Átila, o Huno; Boadicéia; Buda; Carlos Magno; Catarina, a Grande; Catarina de Medici; Ch'in Shih Huang Ti; Cleópatra; Confúcio; Constantino, o Grande; Cristóvão Colombo; Elizabeth I; Elizabeth Fry; Fidel Castro; Florence Nightingale; Franklin Delano Roosevelt; Gêngis Khan; George Washington; Giuseppe Garibaldi; Golda Meir; Hailé Selassié; Hatxepsute; Harriet Ross Tubman; Henrique VIII; Indira Gandhi; Isabel de Castela; Jesus Cristo; Joana D'Arc; John F. Kennedy; Josef Stalin; Júlio César; Karl Marx; Leonor de Aquitânia; Lucrecia Bórgia; Mahatma Gandhi; Mao Tse-tung; Maomé; Marco Polo; Maria, rainha da Escócia; Maria Antonieta; Maria Teresa; Marquês de Lafayette; Martin Luther King Jr.; Martinho Lutero; Maximilien Robespierre; Mikhail Gorbachev; Montezuma; Nabucodonosor; Napoleão Bonaparte; Nelson Mandela; Oliver Cromwell; Otto von Bismarck; Pedro, o Grande; Richelieu; Salomão; Shaka; Simón Bolívar; Suleiman, o Magnífico; Susan B. Anthony; Tamerlão; Tecumseh; Teodora, imperatriz; Teresa de Ávila, santa; Thomas Jefferson; Toussaint-Louverture; Tz'u-hsi, imperatriz; Ulysses S. Grant; Vitória, rainha; Vladimir Ilitch Lenin; William Penn; Winston Churchill; Zenóbia.

Apesar da extensa lista de biografados, podemos observar que não aborda-se sobre a vida de nenhuma personalidade brasileira e não apresenta novidades entre os eleitos. Na verdade, são personagens que já contam com suas biografias nas mais diversas enciclopédias.

Após a apresentação geral do formato e conteúdo, passamos a tecer algumas considerações críticas sobre o CD enquanto recurso didático. Em primeiro lugar, não podemos negar a necessidade dos estudantes disporem de material com informações sobre onde e quando ocorreram fatos que marcaram a História Mundial. Por mais informações que este CD apresente, ele apresenta limitações, pois, aborda apenas alguns fatos que são considerados pelos autores como importantes na História da Humanidade, compreendendo o período anterior a 500 a.C. até após 1945.

O material busca também não apenas abordar fatos, mas também apresentar informações relativas à vida cotidiana, à cultura, às inovações e à vida de grandes personalidades. Nesse sentido, o tratamento teórico-metodológico utilizado parece ser eclético, transitando entre a abordagem positivista e da Nova História. Contudo, sabemos que ao se abordar temas valorizados pela Nova História, não implica necessariamente que as análises sigam os referenciais desta corrente.

Apesar de nem todas as escolas possuírem computador, o professor pode indicar esse CD aos alunos, pois sabemos que cada vez mais a informática está se popularizando e atingindo maior número de residências. Com essa afirmação não estamos desconsiderando a realidade do Brasil, mas também não podemos nos esquecer

dos benefícios trazidos pelas novas tecnologias, pois, paulatinamente, elas vão conquistando seu espaço na sociedade e passando por um processo de massificação.

O fato do material estar em forma de CD Rom não justifica o não aprofundamento sobre os assuntos abordados. Isso até seria um facilitador, pois o CD é capaz de comportar grande quantidade de informações, haja vista algumas enciclopédias imensas já estarem na forma de CD Rom.

Em qualquer material que elaboramos é importante apresentarmos algumas justificativas, tais como: por que o material foi elaborado nesse formato (livro, software, apostila)? Por que foram selecionadas essas informações e não outras? Qual o objetivo do autor ao elaborar esse material? Quais foram as fontes que ele utilizou? As questões apresentadas acima nos levam a tentar obter uma melhor compreensão do material com o qual estamos tendo contato.

2.2 “CD ROM – VIAGEM PELA HISTÓRIA DO BRASIL”

Este CD Rom acompanha o livro “Viagem pela História do Brasil”, de autoria de Jorge Caldeira, Flavio de Carvalho, Cláudio Marcondes e Sergio Góes de Paula, e editado pela Companhia das Letras. O CD dispõe tanto de informações que estão presentes no livro quanto de informações complementares às mesmas.

No CD encontramos ilustrações, explicações de vários aspectos destacados no texto principal, documentos referentes aos períodos estudados, biografias das várias pessoas que participaram da construção da História do Brasil.

Cabe destacar que as biografias são de pessoas consideradas de destaque, não temos biografia referente a personagens mais populares. Além disso, a biografia se refere apenas à vida adulta do biografado e muito raramente se faz referência à sua infância.

O CD divide-se em 12 capítulos:

- Capítulo 1 – Primeiros encontros (...1549)
- Capítulo 2 – Índios, brancos e negros (1549-1580)
- Capítulo 3 – A colônia do açúcar (1580 – 1700)
- Capítulo 4 – O ouro e o território (1700 – 1750)
- Capítulo 5 – O ouro e a nação (1750 - 1808)
- Capítulo 6 – A Colônia – Reino (1808-1822)
- Capítulo 7 – Primeiro Reinado (1822 – 1831)
- Capítulo 8 – A luta contra o tráfico (1831 – 1850)
- Capítulo 9 – O fim do Império (1850 - 1889)
- Capítulo 10 – República Velha (1889-1930)
- Capítulo 11 – O Brasil industrial (1930 – 1964)
- Capítulo 12 – Regime militar (1964-1984)

A seguir apresentaremos uma breve visão sobre o que é abordado em cada capítulo, entretanto, deve-se lembrar que há links que remetem para explicações mais detalhadas das expressões que aparecem em destaque no texto.

No Capítulo 1 - Primeiros Encontros, temos uma parte dedicada aos costumes indígenas e outra que se preocupa em explicar a chegada e o processo de acomodação dos europeus na terra brasileira, bem como a relação europeu-índio. Por quais motivos livros e outros materiais abordam a questão dos costumes indígenas mesmo quando a orientação do material é positivista? Isso com certeza não ocorre devido à visão da Nova História, mas porque está implícito o objetivo de mostrar que a cultura do índio é inferior à europeia e que ele teve que sofrer um processo de civilização. Processo esse, que de acordo com os europeus seria bem iniciado através da catequização.

O Capítulo 2 - Índios, Brancos e Negros apresenta uma descrição do processo de colonização e organização administrativa pelo qual passou o território brasileiro a partir de 1549, com a chegada de Tomé de Sousa. Destaca-se a produção de açúcar na Colônia, a importação de escravos da África, a Companhia de Jesus e a catequização dos índios, bem como as incursões pelo interior.

No Capítulo 3 - A Colônia do Açúcar, percebe-se uma ênfase nos aspectos políticos e econômicos. Quanto ao domínio holandês são também destacados os profissionais trazidos por Nassau para retratarem os hábitos brasileiros, que através de suas obras eles transmitiam a visão de um povo exótico. Embora reconhecendo toda a importância dessa contribuição específica, essas imagens não podem ser consideradas como detentoras da verdade, uma vez que os europeus destacavam os aspectos brasileiros considerados “exóticos”.

O Capítulo 4 - O Ouro e o Território se deteve mais na questão do ouro achado em diversas regiões do Brasil, tais como: Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Bahia. Também menciona alguns aspectos da sociedade mineira, da organização fiscal e tributária que incidia nesta atividade econômica, além das construções realizadas por D. João V em Portugal.

O ouro é tema também de outro Capítulo, o 5, intitulado O Ouro e a Nação, que destaca a história mineira – economia, sociedade, cultura, política – bem como a influência da política pombalina no Brasil e a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro.

O Capítulo 6 - A Colônia – Reino apresenta relatos sobre a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, as instituições criadas no Rio de Janeiro e as mudanças econômicas e sociais devido ao estabelecimento da Corte portuguesa no Brasil, a presença de viajantes estrangeiros. O texto não mostra explicações claras sobre a Independência. Ela é apresentada como decisão do Imperador e não como resultado de um processo de luta.

No Capítulo 7 – Primeiro Reinado, é apresentado um balanço de como estava a economia, a política, a sociedade, a educação, a cultura, o comportamento. Neste balanço temos abordagens superficiais sobre os tópicos, que não nos possibilitam termos um maior conhecimento sobre os assuntos.

O tema A Luta contra o Tráfico, direciona o Capítulo 8, que apresenta uma abordagem centrada na questão social, especialmente a eclosão de rebeliões no Pará,

Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, embora também trate da economia, da escravidão e do fim do tráfico escravo, propriamente dito.

No Capítulo 9 – O fim do Império ocorre o destaque para os fatos políticos e econômicos, sem muita referência à vida cultural e social do período em estudo. Também são tratadas as questões da política interna e externa, os movimentos abolicionista e republicano. Quanto à Proclamação da República não é explicado que ela foi fruto de toda uma conjuntura política, social e econômica.

A terminologia - República Velha - já bastante desgastada, dá título ao Capítulo 10, que como nos outros capítulos a preocupação está centrada na política e na economia, com referências às Revoltas ocorridas no período.

No Capítulo 11 - O Brasil Industrial, embora a ênfase seja na política e na economia, algumas informações de âmbito cultural são apresentadas, especialmente sobre música, poesia e comportamento.

O Capítulo 12 - Regime Militar apresenta, curiosamente, destaque para as características da cultura no período estudado.

Nos links aos quais podemos nos remeter através dos termos existentes no corpo do texto principal são abordados, entre outros assuntos, a cultura, a arte, os costumes brasileiros, como foi a viagem de mudança da corte portuguesa para o Brasil, como eram as cortes européias. Observando esses aspectos abordados através do acesso aos links, podemos observar uma tentativa de desprendimento dos fatos políticos, sociais e

econômicos, e uma abordagem de aspectos relativos aos costumes e à cultura brasileira e européia.

Após esse panorama dos capítulos e links, podemos identificar ao longo da apresentação do material a predominância da preocupação com o político e o econômico, e em menor escala as informações sobre o social e o cultural.

As poucas referências que são apresentadas sobre o aspecto social e o cultural podem ser encontradas nos textos que acessamos através dos links presentes no corpo do texto principal. Dessa forma, os aspectos sociais e culturais estão sendo considerados como informações extras e não como parte do corpo principal da abordagem do período que esteja sendo trabalhado.

A divisão dos capítulos teve como base as diversas mudanças na política e na economia brasileira, usando nos títulos ora recortes temáticos, ora recortes da periodização política.

O CD contém vários documentos que podem ser trabalhados em sala de aula. Entre eles podemos citar os seguintes: a Lei Áurea, o tratado sobre tráfico de escravos, a Lei do Ventre Livre, o AI-5. Utilizando-se da visão de documento defendida pela Nova História, as gravuras existentes no material também podem ser consideradas como fontes documentais para o estudo da História do período ao qual se referem.

O conteúdo desenvolvido baseia-se principalmente nos princípios da história tradicional, que enfatizam principalmente os acontecimentos políticos e econômicos,

apresentando uma história pronta e acabada, sem problematizações e questionamentos acerca das várias questões que compõem a sociedade (política, economia, cultura, hábitos, costumes). Além disso, em nenhum momento são mostradas formas de pensar da população nos períodos abordados. Esse viés seguido pelo material retrata exatamente a concepção positivista de História que se caracteriza, entre outras coisas, pela visão de conhecimento pronto e acabado, seguindo uma cronologia linear e um encadeamento de causas e conseqüências.

Sabemos que a visão tradicional de História, pauta-se na concepção positivista , que segundo Caimi(1999) podemos explicar da seguinte forma:

“A concepção positivista da história pode ser caracterizada, grosso modo, pela idéia de um conhecimento absoluto, definitivo e acabado; sua verdade é inquestionável desde que advinda dos documentos. Não há história sem documentos; os fatos extraídos desses documentos são encadeados em uma cronologia linear e evoluem a partir de causas e conseqüências. Nem todos os fatos são dignos de entrar para a história, mas apenas aqueles que tratam de questões realmente importantes, como os feitos de seus governantes, os heróis e as grandes batalhas. Os fatos relevantes são oriundos, geralmente, de documentos oficiais do Estado, o que gera uma ênfase excessiva sobre a história política. O historiador deve manter a neutralidade e a objetividade diante dos fatos, limitando-se a relata-los e documenta-los (para fins de comprovação)”.
(p. 44)

Além do exposto acima, devido a essa visão tradicional, temos a questão da apresentação da ordem cronológica dos fatos, dando ao aluno a impressão de que os fatos devem ser estudados de acordo com essa ordem e que não é possível, por exemplo,

estudar-se os dias atuais e depois o período do Império brasileiro, entre outras alternativas.

A abordagem sobre as revoltas que ocorreram no país não apresenta a participação popular, mostrando apenas o papel daqueles considerados “grandes heróis”. Dessa forma, o material omite o povo da construção da História do Brasil. Apenas quando faz referência à festa de comemoração da Abolição da Escravidão é que mostra que o povo participou dela.

Não deixaria de ser válido se o material apresentasse uma abordagem histórica de acordo com a visão da História Nova, como por exemplo: substituir a história – narrativa pela história-problema, elaborar a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política.

Dessa forma, podemos ver que o material não fez uso das inovações propostas pela Nova História, isto é, abordar questões sobre as mentalidades, família, imaginário, a questão da morte, como era a infância.

O fato de apresentarmos essa reflexão não retira o mérito do Cd Rom colaborar para o estudo da História do Brasil, entretanto, outras informações devem ser buscadas em outras fontes. Dizemos que não é retirada a validade desse material, porque sendo Cd, livro, filme ou qualquer outro material, sempre é possível retirarmos alguma informação nova, verificarmos controvérsias entre informações apresentadas por dois autores, entre outras possibilidades de usos e questionamentos.

2.3 “CD ROM: HISTÓRIA DO BRASIL– DO IMPÉRIO À NOVA REPÚBLICA”

Este Cd Rom foi elaborado por professores do Centro Educacional Objetivo.

Este material aborda os seguintes períodos da História do Brasil:

- O Império Brasileiro (1822-1840);
- O Império Brasileiro: Transformações e crise;
- A República Velha e a Era de Vargas;
- Da República Populista à Nova República.

A seguir apresentaremos aspectos da História do Brasil que são abordados em cada capítulo.

O IMPÉRIO BRASILEIRO

Basicamente, esse capítulo aborda as idéias de alguns personagens históricos do período do Império Brasileiro, apresenta algumas informações sobre a instalação da primeira Assembléia Constituinte do Brasil, sobre alguns episódios que marcaram a História de Pernambuco – Insurreição Pernambucana, Guerra dos Mascates, Revolução Pernambucana-, e também aborda os acontecimentos que marcaram o Segundo Reinado.

O IMPÉRIO BRASILEIRO: TRANSFORMAÇÕES E CRISE

Este capítulo aborda questões referentes às transformações e crises sociais, políticas e econômicas sofridas pelo Brasil no século XIX, aos movimentos abolicionistas e à Proclamação da República.

A REPÚBLICA VELHA E A ERA DE VARGAS

Neste capítulo temos um breve histórico sobre o governo do Marechal Deodoro da Fonseca e a abordagem dos fatos políticos, sociais e econômicos que marcaram a República Velha e o governo de Vargas.

DA REPÚBLICA POPULISTA À NOVA REPÚBLICA

Este capítulo aborda as características da República denominada Populista, a Constituição de 1946 e a crise enfrentada por essa República. Também são apresentados neste capítulo os governos presidenciais e suas características durante o regime autoritário. Os autores desse material também destacaram as características da Nova República, os governos presidenciais desse período, bem como, algumas informações sobre a Constituição de 1988.

Em cada uma dessas unidades sobre a História do Brasil há algumas questões relacionadas ao assunto estudado. A maioria das questões é para marcar V (verdadeiro) ou F (falso) ou para completar as lacunas, não instigando o aluno à elaboração do seu pensamento e à atividade de redação de respostas, que exigiram o domínio da escrita e de outras habilidades.

Os assuntos são abordados de forma superficial, não possibilitando um profundo conhecimento sobre os fatos que marcaram a nossa história. O material apresenta os aspectos sobre determinado fato, mas não estimula a reflexão por parte do aluno que está pesquisando. A História é mostrada como se fosse pré-determinada e formada apenas por uma série de fatos históricos, econômicos e sociais.

2.4 ANÁLISE GERAL DOS CD ROMS

Os materiais analisados acima procuram apresentar aspectos da História Mundial ou do Brasil. Em todos os softwares temos a história vista como uma sucessão de fatos, sem contudo, apresentar uma análise crítica dos mesmos.

Há uma preocupação em apresentar os fatos políticos, econômicos e, algumas vezes, sociais, relacionados ao período histórico que está sendo estudado. Não há um convite para que o aluno-pesquisador reflita sobre o por quê dos acontecimentos, se poderiam ser evitados, se poderiam ocorrer de outra forma.

Apenas o primeiro CD apresenta outros aspectos além do político, como por exemplo, informações sobre a vida cotidiana, cultura de determinados lugares e certos períodos da História.

De uma forma geral, esses softwares analisados são uma reprodução dos livros tradicionais de história, sendo que a única diferença é que estão em um suporte multimídia - CD Rom, utilizando-se dos avanços da tecnologia disponível. Continuam enfatizando uma história seqüencial, de fatos, de heróis, de acontecimentos prontos e acabados.

Com essas críticas não queremos defender que esses aspectos não devem ser abordados pela história, mas que eles podem ser estudados de outras formas. Podemos estudar, por exemplo, a República brasileira, de acordo com o ponto de vista do povo.

Além disso, o campo histórico pode, e deve, estudar as manifestações culturais, costumes, formas de pensar de um determinado povo em uma determinada época.

Não é porque nos CDs analisados não encontramos uma mudança no ponto de vista do conhecimento histórico que devemos achar que eles não terão utilidade nenhuma na sala de aula, ou no estudo do aluno fora do ambiente escolar. Mesmo porque analisamos apenas três, e hoje já devem existir no mercado novos títulos, e que podem estar seguindo uma abordagem histórica diferente da tradicional. Além disso, mesmo se considerarmos que no lugar do livro o aluno utilize o CD que apresente o mesmo conteúdo do livro didático, ainda é válido, se esse aluno não gostar de utilizar livros mas for um usuário convicto de computadores.

Os efeitos do uso de CDs no ensino de História, apesar das limitações semelhantes ao livro didático convencional, podem ser extremamente positivos e inovadores, na medida em que articulam com maior riqueza a imagem, o texto, o som, estimulando os sentidos do aluno para o processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO III

USO DE FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA

No que diz respeito ao uso do filme no ensino de História, no artigo “Experiências e representações sociais: Reflexões sobre o uso e o consumo das imagens”, publicado no livro *O Saber Histórico na Sala de Aula*, Saliba nos diz o seguinte:

“Ao utilizar-se do filme no processo de ensino ainda acredito que todo o esforço do professor deve ser no sentido de mostrar à maneira do conhecimento histórico – o filme também é produzido, também ele irradia um processo de pluralização de sentidos ou de verdades – e, da mesma forma que na História, o filme é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente. A construção da história nos documentários ou na ficção fílmica é mais do que uma interpretação da História, pois o ato de engendrar significados para o presente lança o realizador (ou os realizadores) da ficção cinematográfica em possíveis ideológicos que ele não domina em sua totalidade. Portanto, construir a história na narrativa fílmica pode implicar, inclusive, destruir significados estáveis, desmontar sentidos estabelecidos, desmistificar ilusões ou mitos já cristalizados. Porque ressaltar o aspecto de construção subjetiva da História na narrativa fílmica significa reconhecer a memória coletiva como terreno comum da ficção e da historiografia. Hoje já temos, felizmente, um conjunto de trabalhos importantes realizados em torno dessa dimensão central que é a produção de imagens”. (Saliba, in Bittencourt, 1998, pp. 119-120)

Portanto, a postura crítica do professor diante do filme é fundamental para o processo educativo, especialmente no ensino de História, tendo em vista que tanto os filmes de ficção como os históricos ou documentários constituem-se em visões e

concepções elaboradas, com determinações e influências dos envolvidos e do contexto histórico na produção do filme.

Há livros didáticos voltados para o Ensino Fundamental e Médio que apresentam sugestões de filmes para auxiliarem no estudo da História brasileira e mundial. Entre esses livros podemos citar: Da História das Cavernas ao Terceiro Milênio (Editora Moderna); História – 5ª série, de José Roberto Martins Ferreira (Editora FTD); História – 6ª série, também de José Roberto Martins Ferreira (Editora FTD). Os dois livros da Editora FTD apresentam sugestões de filmes que podem ser utilizados nas aulas de História e de que forma eles podem ser explorados em sala de aula.

Ferreira, autor dos livros didáticos de História da Editora FTD citados acima, defende que o cinema é uma via de acesso ao conhecimento da História. Entretanto, ele destaca que cinema não é História. Veja a seguir a posição de Ferreira (1997) a respeito do cinema:

“O cinema, assim como os museus e as bibliotecas, integra o campo da memória. Geralmente, a memória está associada à lembrança, à preservação, mas ao escolher o que merece ser memorizado, ela também se torna responsável pelo que é esquecido. Assim, o cinema – como qualquer outra forma de memória – nos ajuda a lembrar algumas coisas e a esquecer outras”. (p. 24)

No caso do autor de cinema decidir elaborar um filme de ficção que aborda determinado período histórico ou algum personagem que destacou-se na história brasileira ou mundial é necessário que ele realize previamente uma pesquisa histórica. Entretanto, se tratando de uma ficção, o autor pode inserir na obra informações que não são reais, pois esse estilo cinematográfico não tem compromisso com a verdade

histórica. Por isso, no momento em que o professor utiliza um filme de ficção em sala de aula é bom que haja uma discussão com os alunos sobre o que realmente aconteceu e o que foi implantado de acordo com a visão que o autor possui sobre o assunto explorado. Não podemos esquecer que mesmo na parte dita “objetiva” também temos a participação do subjetivo, pois o autor necessitou selecionar o tema a ser abordado, o espaço de tempo, os personagens que estariam presentes no filme.

Já no caso do filme documentário ele tem o firme propósito de ser fiel ao tema ou período estudado, a proposta dele é de servir como registro não ficcional, como documento.

Também cabe salientar que, assim como defende Ferreira, acreditamos que *“um filme não é melhor nem pior que um livro, é apenas diferente”*. (p. 24) Para utilizar o filme em sala de aula, Ferreira (1997) aponta quatro pontos nos quais o professor deve se concentrar:

- “- *o professor deverá ver o filme antes da turma, anotando as questões que considerar importante ressaltar;*
- *sempre que achar oportuno, poderá antecipar comentários sobre certas cenas e, até mesmo interromper a projeção. Cuidado! Muitas interrupções podem levar à dispersão;*
- *a turma poderá assistir ao filme todo, em partes (mais de uma aula) ou apenas uma parte do filme. O professor deverá realizar a opção de acordo com o tempo disponível e o objetivo da projeção. Nas atividades que propomos a seguir, os professores poderão encontrar as três possibilidades;*
- *ao final da projeção, mesmo que ela tenha sido enriquecida com comentários, sugerimos que seja feito algum tipo de atividades para consolidar a problemática abordada.* (p. 25)

Além dessa ressalva apontada acima, também devemos destacar algumas questões que Behar (2000) defende que o professor considere antes de utilizar o filme em sala de aula:

- 1- *“Quem produziu o filme? (autor, produtor, nacionalidade etc.);*
- 2- *Quando e onde produziu (conjuntura e condições políticas sob as quais produziu);*
- 3- *O que diz (ou não diz) o filme? Qual a perspectiva do autor (diretor) em relação ao tema, a que leitura do tema tenta induzir o espectador?*
- 4- *Para que/para quem produziu? Todo filme é produzido para um público potencial, um público que busca no bem simbólico a satisfação de desejos explícitos ou inconscientes. Tentar responder a esta questão é uma tentativa de aplicar um raciocínio dedutivo a partir das informações e análises anteriores”.*(p. 21)

É aconselhável que no momento da escolha de um filme o professor considere a faixa etária dos alunos, domínio do vocabulário, como o tema é tratado, capacidade de abstração dos alunos, nível cultural.

Para elaborar um perfil dos alunos a fim de escolher um filme mais adequado o professor pode montar um questionário a partir do seguinte roteiro:

- 1- *“Buscar indicações gerais sobre o nível cultural da clientela: seu acesso e interesse por leitura, pintura, música, cinema etc., com o objetivo de verificar até que ponto os alunos tiveram acesso ao imenso acervo cultural disponível para os seres humanos, mas nem sempre acessível. Obviamente, a análise dessas informações deve levar em conta a faixa etária e o grau de instrução da clientela.*
- 2- *Identificar que tipo de imagem faz parte do cotidiano da clientela. A televisão é hoje o principal meio de comunicação de massas no Brasil.*

É importante saber que tipo de programas são assistidos prioritariamente e que tipo de necessidade vêm preencher: conhecimento, diversão, informação?

- 3- *Descobrir que tipo de filmes tal clientela está habituada a assistir: desenhos, policiais, comédias, terror, dramas; e onde? No cinema, no vídeo, na televisão? Quais os últimos filmes que assistiu? Pedir que escreva uma sinopse de um deles”. (Behar, 2000, p. 26)*

O livro História (FTD), de Ferreira sugere, entre os vários filmes, os seguintes: A guerra do fogo, Astérix entre os bretões, Agonia e êxtase, Xica da Silva.

O livro “Da História das Cavernas ao Terceiro Milênio” sugere, entre outros, os seguintes filmes: A Rainha Margot, Indochina, Passagem para a Índia, Uma Cidade sem Passado.

A relação entre filme e História pode ser vista de diferentes formas. No artigo “História e Ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes”, de Vesentini (1998), publicado no livro *O Saber Histórico na Sala de Aula*, o autor aponta essa relação como sendo entre temática do curso e filmes que se associem à mesma.

Segundo Vesentini, “entender filmes como parte de um curso supõe, no mínimo, o mesmo trabalho oferecido a outros documentos ou a textos da bibliografia”. (p. 165, 1998) Entretanto, o professor não pode se esquecer de que a imagem cinematográfica tem suas características específicas e, como já foi apontado anteriormente, o filme também é um produto cultural.

Para abordar o sistema fabril, Vesentini aponta alguns filmes que ele utilizou em sala de aula. Segue abaixo, a listagem com o nome do diretor, título do filme e ano de produção:

- Fritz Lang. *Metrópolis*. (1926);
- René Clair. *A Nós a Liberdade*. (1931);
- Charles Chaplin. *Tempos Modernos*. (1936);
- Elio Petri. *A Classe Operária Vai ao Paraíso*. (s/d).

É importante lembrar que nas aulas de História podemos usar tanto o filme de ficção como o documentário. Mesmo porque, segundo Behar (2000), a vocação inicial do cinema era documentar:

“O cinema não nasceu como arte mas como invento científico, que permitia registrar o movimento real dos seres e objetos. Documentar foi, digamos, sua vocação inicial. A essa primeira utilização somou-se a possibilidade de narrar histórias, ou seja, registrar a representação de situações hipotéticas”. (p. 17)

Para auxiliar na análise de documentários pode-se seguir o seguinte roteiro:

- 1- *“Explicar aos alunos sua opção pela atividade com o documentário;*
- 2- *Oferecer-lhes um roteiro com questões sobre o tema, consideradas fundamentais para que se analise até que ponto o documentário as responde;*
- 3- *Após a exibição do filme e, com base nas questões colocadas pelo professor e outras levantadas pelos alunos, proceder à discussão do documentário;*
- 4- *Solicitar aos alunos que escrevam sobre o documentário, baseados no que viram e discutiram sobre o tema.* (Behar, 2000, p. 28)

Não podemos esquecer que no momento da elaboração do documentário o diretor selecionará imagens, abordará aspectos do tema, de acordo com suas concepções de mundo, experiências anteriores etc. Por mais que se queira, o documentário não é uma produção livre de subjetividade.

Após essa pequena explanação sobre os documentários, julgamos cabível apresentar uma observação que Behar (2000) faz a respeito da contemporaneidade dos filmes que falam do passado:

“Nos filmes de ficção, pode ser identificada mais facilmente a marca da contemporaneidade conferida pelo olhar de seu diretor, olhar este que refletirá sua história pessoal e de classe; e suas concepções filosóficas, políticas e ideológicas, identificadas com um determinado grupo, numa determinada sociedade, num determinado tempo.

Por isso, os filmes sempre falam do contemporâneo, mesmo quando falam do passado. Ele será sempre uma visão contemporânea do passado” (p. 29)

Até o presente momento discutimos apenas a questão do uso do filme, entretanto, é conveniente citarmos as situações nas quais, segundo Behar (2000) não é aconselhável que o professor utilize o filme:

- 1- *“Não usar o filme para substituir o texto;*
- 2- *Não usar filmes sem que domine o(s) tema(s) de que trata;*
- 3- *Não usar o filme sem um roteiro de trabalho” (p. 20)*

A seguir, apresentaremos algumas sugestões de trabalho de filmes que podem ser utilizados nas aulas de História, selecionados ao longo da pesquisa, e que, de uma forma ou de outra possuem relação com algum tema histórico.

1) Sugestões de filmes que podem ser utilizados nas aulas de História:

a) Astérix & Obélix Contra César

Direção: Claude Zidi

Elenco: Gerard Depardieu, Roberto Benigni, Christian Clavier

Ano: 1999

O filme mostra a luta de Astérix e Obélix (heróis gauleses) contra Júlio César (imperador romano). Através desse filme podemos questionar como foi o período em que Júlio César foi imperador de Roma, como era social e culturalmente a sociedade romana nessa época. Além disso podemos solicitar que os alunos pesquisem contra quais povos Julio César lutou. Também há a possibilidade de debater com os estudantes a questão dos traidores serem jogados aos leões.

Vale ressaltar que esse filme também pode ser compreendido por aspectos da contemporaneidade francesa, ou seja, ao revisitar aspectos da história mais remota, os franceses estão abordando também temas atuais da identidade nacional, da resistência e dos valores franceses, entre outras questões.

b) Policarpo Quaresma – Herói do Brasil

Direção: Paulo Thiago

Elenco: Paulo José, Giulia Gam, Ilya São Paulo, Antonio Calloni, Antonio Pedro, Bete Coelho, Chico Diaz, Cláudio Mamberti, Carlos Gregório, David Pinheiro, Fernando Eiras, José Lewgoy, Jonas Bloch, José Dumont, José Loureiro, Marcélia Cartaxo, Nelson Dantas, Othon Bastos, Tônico Pereira.

Ano: 1998

O filme baseia-se na obra Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. Policarpo Quaresma é um nacionalista, patriota, que defende tudo que seja brasileiro, inclusive, quer adotar o tupi-guarani como língua nacional.

O filme localiza-se no ano de 1893, durante o governo do marechal Floriano Peixoto. Através dessa obra pode-se discutir com os alunos os seguintes tópicos:

- até que ponto deve-se valorizar o que é nacional;
- a entrada no Brasil, atualmente, dos produtos estrangeiros;
- como foi o governo de Floriano Peixoto;
- discutir a cultura da época.

c) Tiradentes

Roteiro e direção: Oswaldo Caldeira

Direção de Fotografia: Antonio Luís Mendes

Cenografia e figurinos: Anísio Medeiros

Música original: Wagner Tiso

Produção Executiva: Carlos Salgado, Paula Martinez Mello e Mário Lúcio Brandão

Produção: Paula Martinez Mello e Osvaldo Caldeira

Elenco: Rodolfo Bottino, Adriana Esteves, Giulia Gam, Julia Lemmertz, Marco Ricca, Eduardo Galvão, Paulo Autran, Cláudio Correa e Castro, Cláudio Cavalcanti, Emiliano Queiroz, Janaina Diniz Guerra, Rui Rezende, Cláudio Mamberti, Ivan Setta, Geraldo Carrato, Alexandre da Costa, Heitor Martinez Mello, Henrique Pagnonceli, Roberto Bontempo, Eduardo Tornaghi, Ernani Moraes, Nelson Dantas, Antonio Gonzáles, André Mattos, Paloma Riani.

Ano: 1998

O filme pretende retratar o Brasil Colônia e os momentos nos quais o povo está sufocado pelos impostos exigidos pela Corte de Lisboa. Temos uma abordagem superficial dos seguintes integrantes da História do Brasil: Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e os poetas Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa.

Durante o filme menciona-se a derrama (imposta sobre o ouro) e a história do amor entre Tomás Antônio Gonzaga e Marília.

Este filme pode ser explorado não apenas sob o ponto de vista histórico, mas também pode ser utilizado como um estimulador para pesquisa literária, já que menciona com destaque três poetas que foram importantes tanto na História como na literatura brasileira.

Vale ressaltar que a sua produção está inserida nas comemorações do bicentenário da Inconfidência Mineira, e nos chama a atenção que no final do filme mostra-se que Tiradentes é condenado à forca, mas não aparece a cena do enforcamento.

d) Carlota Joaquina

Direção: Carla Camurati

Fotografia: Breno Silveira

Roteiro: Melanie Dimantas, Carla Camurati

Elenco: Marieta Severo, Marco Nanini, Maria Fernanda, Beth Goulart, Bel Kutner, Marcos Palmeira, Norton Nascimento

Ano: 1995

O filme, basicamente, narra a história de Carlota Joaquina que ainda criança casou-se com D. João. Carlota era descendente dos Bourbons (Espanha) e D. João era da nobreza portuguesa - dinastia de Bragança.

Durante essa narrativa, os personagens mencionam alguns fatos que fizeram parte da história européia e brasileira. Inclusive, o filme apresenta a transferência da Família Real de Portugal para o Brasil.

Entre os fatos que são mencionados no filme, podemos destacar os seguintes:

- Passagem do Absolutismo Monárquico para o Liberalismo (Europa);
- Casamento de Carlota Joaquina com D. João;

- Morte D. José;
- D. João assume o trono português;
- Enlouquecimento de D. Maria I;
- Portugal passa para o domínio da Igreja Católica;
- Carlota teve muitos amantes e muitos filhos, o único que tinha certeza que era de D. João era Maria Tereza;
- Portugal sob o domínio inglês;
- Partida da Corte Portuguesa para o Brasil;
- A Corte chega na Bahia e depois segue para o Rio de Janeiro;
- D. João distribuiu no Brasil vários títulos de nobreza como forma de agradecimento pelos favores que lhe eram prestados;
- Reconhecimento de Carlota Joaquina como legítima herdeira do trono do Prata;
- Criação do Banco do Brasil;
- Morte de D. Maria I;
- D. João é coroado rei;
- D. João fundou o Jardim Botânico no Rio de Janeiro;
- Retorno de D. João e Carlota para Portugal;
- Morte de D. João;
- Suicídio de Carlota Joaquina.

Os pontos que foram destacados acima são mencionados no filme, mas em nenhum momento são explicados de forma profunda, deixando várias interrogações. Por outro lado, esses apontamentos, podem despertar no telespectador o desejo de pesquisar sobre esses fatos.

O filme Carlota Joaquina chegou a ser analisado por algumas produções bibliográficas voltadas para o estudo histórico, entretanto, posso citar duas dessas produções que tive conhecimento e contato: a revista “Locus: revista de história”, Juiz de Fora, vol. 6, nº 1, p.99-115, 2000; e um artigo existente no livro “A História vai ao Cinema”, de Mariza de Carvalho Soares e Jorge Ferreira, editado pela editora Record, no ano de 2001.

O artigo da revista Locus, intitulado “Imagens do Brasil: o cinema nacional e o tema da Independência”, escrito por Regina Horta Duarte, Daniel W. Ferreira, Juno Alexandre de V. Carneiro, Raquel M. Souza, Gabriel O. M. Ferreira, Natalia R. R. Araújo, Michelle M. de Oliveira, apresenta uma discussão sobre o filme Independência ou Morte e sobre Carlota Joaquina. Aqui nos deteremos nos comentários acerca de Carlota Joaquina.

Um primeiro aspecto mencionado pelo artigo é o fato de mostrarem no filme os nobres vomitando, sendo atingidos por piolhos e chegando no Rio de Janeiro, uma cidade de ruas sujas e feias. Outro aspecto apresentado no filme e para o qual o artigo chama nossa atenção, é para a visão da Corte Portuguesa sendo triste e a Corte Espanhola alegre, cheia de dança. A imagem passada do Brasil na época é de um país que tem animais selvagens e uma vegetação exótica. Para os autores deste artigo, o filme tem a seguinte intenção:

“... o filme quer fazer rir o espectador. Sua intenção declarada é humorística, divertindo pela excentricidade e mesmo pelo surpreendente tom escrachado da narrativa. Neste sentido, a intenção do filme é historicamente imprescindível, ou seja, romper, através do riso, com as solenidades de origem, seja mostrando

reis e rainhas com estômagos, seja exibindo a chegada da Corte ao Brasil como resultado de uma fuga covarde”. (p. 108)

Apesar desse viés humorístico, é uma intenção do filme mostrar fatos reais da História do Brasil. O artigo salienta que o filme indaga sobre questões tais como: a origem da corrupção, dos desmandos do exercício do poder, do domínio do capital internacional. Como crítica ao filme, o artigo defende que ele traz uma imagem simplista do passado:

“A vinda da família real foi muito mais que uma fuga irrefletida ou um mero ato de obediência aos ingleses. A transferência da Corte era uma idéia demasiadamente antiga e afirmou-se desde fins do século XVIII, pela via do movimento do Reformismo Ilustrado, preocupado com os erros da colonização e com a necessidade de renovar a relação da Metrópole com as colônias, construindo saídas para a decadência portuguesa no contexto europeu. Retomava-se o sonho de um Quinto Império, a ser maior que os grandiosos impérios egípcio, assírio, persa e romano, explicitado por Vieira, no século XVII. A elite portuguesa era muito mais que um bando de comilões ignorantes oferecendo coxas de frango a um rei covarde...” (p. 112-113)

Outra crítica é quanto ao fato do filme não mostrar algumas discussões que estavam ocorrendo no Brasil durante o período que retrata, como por exemplo, a divulgação de diferentes ideais de soberania nas lojas maçônicas.

O livro “A História vai ao Cinema” apresenta o artigo intitulado “Carlota Joaquina: caricatura da História”, no qual o historiador Ronaldo Vainfas analisa o filme Carlota Joaquina. Desse artigo, julgamos válido destacarmos alguns questionamentos levantados por Vainfas:

“Com base em quê o filme sugere que a transmigração da família real, em 1808, teria sido motivada pelas conjurações, se estas haviam ocorrido no final do século XVIII, a última delas em 1801, sendo resolvidas pelas autoridades da Colônia? Com base em quê o filme reitera, através do ‘narrador escocês’, que o Brasil da época era rico em pedras preciosas, ouro e diamantes, se é sabido que o apogeu da mineração ocorreria no reinado de D. João V, na primeira metade do século XVIII? Com base em quê diz o narrador do filme que a corte não quisera ficar na Bahia, preferindo o Rio de Janeiro, se era o Rio a capital do Estado do Brasil desde 1763, e já governado por Vice-Reis?” (2001, p. 231)

Analisando os questionamentos acima, acredito que o erro mais grave do filme foi a informação completamente errada sobre as pedras preciosas. Uma menção dessa fará com que o aluno situe no período errado alguns fatos que fizeram parte da História do Brasil. Para Vainfas, o filme fez uma caricatura de Carlota Joaquina e da História do Brasil. Carlota Joaquina praticamente é apresentada como uma maníaca sexual; e D. João é mostrado como um “morto de fome”, comendo a toda hora coxas de frango (ou de galinha, que seja). Por outro lado, o filme mostra que mesmo os nobres possuem impulsos sexuais, necessitam de alimentos, e têm necessidades fisiológicas.

A partir dessa amostragem de filmes, dentro de um universo muito mais amplo, é possível ter-se uma idéia da riqueza e das inúmeras possibilidades do uso didático de filmes no ensino de História.

Os cuidados metodológicos na utilização do filme como recurso didático, já mencionados, não depõem contra ele, mas, pelo contrário, constituem-se fatores estimulantes ao exercício da crítica, à pesquisa, ao debate.

Por fim, vale ressaltar as possibilidades de trabalho interdisciplinar, com a utilização do mesmo filme por diversos professores com abordagens e discussões pertinentes a diferentes disciplinas escolares.

CAPÍTULO IV
O TRABALHO COM FILME NA SALA DE AULA – A APLICAÇÃO
PRÁTICA

Neste capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa, com as experiências desenvolvidas em sala de aula pelos professores de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco com o uso de filmes.

A seguir apresentaremos algumas informações gerais sobre o Colégio:

- Nome da escola: Colégio de Aplicação – CAp - da UFPE.
- Turnos de funcionamento da escola: integral, das 7:30 às 16:00.
- N° de alunos: 425.
- N° de salas de aula: 14.
- Séries existentes na escola: 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.
- N° de professores de História: 4.
- Salas de vídeo: a escola possui duas.
- Laboratórios que a escola possui: Laboratórios de informática, matemática, biologia, química/física.
- Faixa etária dos alunos: dos 10 aos 17 anos.
- Espaços físicos que a escola dispõe para que os professores desenvolvam o trabalho com os alunos: salas de aula, 01 biblioteca, laboratórios, ginásio esportivo, sala de dança, sala de ginástica, sala de artes plásticas, sala de educação musical.

- Recursos materiais que a escola oferece aos professores: acesso ao TV Escola e Canal Futura, Internet, Vídeos, TV, Acervo Bibliográfico e videoteca.
- A escola possui computadores para uso dos alunos no laboratório de informática e na biblioteca.
- A escola não possui acervo de vídeo sobre História.
- A escola não possui acervo de CD Rom sobre História.

A partir desses dados percebe-se que o CAP/UFPE apresenta, em termos de recursos humanos e materiais, boas condições de funcionamento comparadas às condições gerais das escolas da rede pública de ensino.

Os professores de História que participaram dessa pesquisa foram os seguintes: Edson Silva, Tarcísio Marcos Alves, Tatiane Trigueiro, Maria Idalina da Cruz Pires. Apesar de estarmos apresentando os nomes dos professores, no decorrer da apresentação dos resultados da pesquisa não mencionaremos os nomes dos professores, as referências a eles serão feitas usando as seguintes designações (que não seguem a ordem que utilizamos acima para mencionar os nomes): P(1), P(2), P(3), P(4).

Dos professores que participaram desta pesquisa, quanto à formação acadêmica temos o seguinte perfil: dois professores graduaram-se na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, um na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, e um na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Desses professores, dois são mestres em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Quanto ao tempo de atuação em sala de aula, a maioria dos professores leciona há mais de quinze anos, sendo que apenas um leciona há três anos e meio.

A maioria dos professores já trabalhou com todas as séries (5ª série do Ensino Fundamental a 3º ano do Ensino Médio), sendo que um professor trabalhou apenas com alunos de 5ª série do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio, e outro professor também trabalhou com Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos.

No momento em que responderam o questionário que estamos analisando nesse primeiro momento, um professor estava trabalhando com a 7ª série, um com as 3^{as} séries do Ensino Médio, um com as 1^{as} e 2^{as} séries do Ensino Médio e um com 6ª e 8ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

Como recursos didáticos que os professores já utilizaram e/ou utilizam em sala de aula foram citados os seguintes: filmes, documentários, música, textos complementares, transparências, recortes de jornais, slides, documentos, mapas históricos, fotografias, revistas, periódicos, livros didáticos e paradidáticos, livros literários, CD Roms, software computacional.

Um professor citou que já utilizou os seguintes CD Roms: Encarta Encyclopedia, Enciclopédia Digital, Isto É Século XX e Isto É Brasil 500 Anos.

Quanto ao uso de músicas foram mencionadas as seguintes: Mulheres de Atenas; A Cidade; Como Uma Onda; Poemas de Fernando Pessoa; Canto das Três Raças; Mestre Sala dos Mares; Eu Nasci a 10.000 anos atrás; Apesar de Você; Podres Poderes;

Desesperar Jamais; Presidente Bossa Nova; Nos Barrancos da Cidade; Alegria, Alegria; Haiti; Apesar de Você; Tropicália.

Dos inúmeros filmes que existem no mercado e que podem ser utilizados nas aulas de História, os professores que fazem parte do nosso universo de pesquisa citaram que já utilizaram e/ou utilizam os seguintes: Spartacus; Abelardo e Heloísa; O Incrível Exército de Brancaleone; Xica da Silva; Pra Frente Brasil; Excalibur; Revolução; Carlota Joaquina; Hair; Filhos da Guerra; A Revolução de 1930; A Guerra do Fogo; Jango; Lampião; Deus e o Diabo na Terra do Sol; Canudos; 1942; Daeus; Um Grito de Liberdade; Documentários da National Geographic.

Até o momento apresentamos quais recursos que os professores utilizam em sala da aula além do livro didático. A seguir apresentaremos a opinião de cada professor sobre o uso de Cd Roms, músicas e filmes nas aulas de História:

P(1):

“Favorece o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que possibilita a discussão do filme enquanto um olhar construído sobre o acontecimento histórico específico estudado”.

P(2):

“Qualquer recurso didático que vise ser uma via de acesso ao conhecimento da história deve ser utilizado pelo professor (a). Deve servir de alternativa para otimizar o processo ensino-aprendizagem. Discordamos, entretanto, que qualquer recurso sirva

como substituto dos livros didáticos e da pesquisa, pois deverão apenas ampliar, e não tornar artificial o processo de reflexão sobre o conhecimento histórico”.

P(3):

“Mais um instrumento para a interpretação dos fatos. Em especial uma nova leitura (visual), que, além de possibilitar a memorização, dá margem a discussões ricas sobre a ‘construção’ do fato”.

P(4):

“A utilização desses recursos é fundamental para facilitar a compreensão do conteúdo trabalhado no livro didático: os alunos visualizam a teoria e o conteúdo histórico trabalhado e conseguem unir o visual e auditivo com o texto”.

De uma forma geral, esses professores vêem positivamente o uso de filmes, músicas e CD Roms no ensino de História. Um professor destacou que o livro didático não pode ser substituído por qualquer recurso, entretanto, estamos buscando recursos que possam complementar o uso do livro didático e que facilitem o processo ensino-aprendizagem.

No momento em que o professor opta pelo uso do filme para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, é importante que ele reflita sobre qual é o melhor momento para essa utilização, isto é, se na introdução do tema histórico que será explorado, durante o desenvolvimento do tema ou na conclusão. Veja a seguir a opinião de cada professor pesquisado a respeito dessa questão:

P(1):

“Ao meu ver, dependendo da situação, o filme pode ser utilizado durante o desenvolvimento do tema, para uma reflexão sobre a linguagem, fonte histórica, representação etc. ou ao final do estudo (conclusão). Nesse segundo caso deve ser utilizado como objeto de discussão também enquanto fonte, linguagem histórica, etc”.

P(2):

“Tanto faz. O importante é a proposta de trabalho, o planejamento da aula”.

P(3):

“Para conclusão de um tema estudado”.

P(4):

“Para a conclusão”.

No trabalho com qualquer recurso didático é importante que o professor esteja atento à receptividade dos alunos. No caso da proposta de trabalho com filmes, os professores pesquisados apontaram que a maioria dos alunos recebe bem essa proposta e se apresenta motivada para o desenvolvimento da atividade. Veja o relato de cada professor quanto a isso:

P(1):

“Na minha experiência no CAp/UFPE, tem sido de boa receptividade. Isso porque o filme é proposto durante o desenvolvimento do tema estudado, como um recurso didático a mais”.

P(2):

“Boa. A maioria fica motivada”.

P(3):

“Geralmente a receptividade é boa”.

P(4):

“Depende da faixa etária. Os mais novos (5^a - 6^a série) são mais comprometidos. Os de 7^a e 8^a precisam ser assistidos de modo mais enérgico para que o objetivo da aula seja atingido. Em linhas gerais, eles aceitam bem o filme”.

Quando questionados sobre as restrições no que se refere ao uso do filme, os professores apresentaram os seguintes posicionamentos:

P(1):

“Tenho restrições se o filme for usado:

- para substituir aulas, ausência do(a) professor(a);
- sem uma introdução sobre a abordagem do assunto de que trata o filme;
- quando for usado para substituir pura e simplesmente conteúdos não estudados”.

P(2):

“O professor deve ter ciência de que o filme é apenas mais um e não deve ser o único instrumento para explicar o assunto estudado”.

P(4):

“Não, pelo contrário. A utilização de filmes é fundamental para a visualização de um conhecimento teórico lido e ouvido pelos alunos”.

Cabe destacarmos aqui que compartilhamos da idéia de que, atualmente, o livro didático não pode ser o único instrumento utilizado para o ensino não só da História, mas também das outras disciplinas. De forma alguma, consideraremos que os livros didáticos (de boa qualidade) não são úteis nas salas de aula e na construção do conhecimento realizada pelos alunos.

A partir desses depoimentos, dessas vivências, não poderíamos deixar de defender o casamento filme e livro didático, que se bem elaborado, pode levar o aluno a uma intensa paixão pelo conhecimento histórico. E como vimos nos relatos apresentados no texto, no mercado há vários filmes que o professor pode utilizar para colaborar nas suas aulas de História.

PROPOSTAS DE TRABALHO COM FILMES

a) Série: 2º ano do Ensino Médio

Filme: Em Nome de Deus: Abelardo e Heloísa.

Produção: Estados Unidos, 1998.

Direção: Clive Donner

Alguns atores: Derek de Lint, Kim Thomson, Denholm Elliot.

O filme narra a história do amor proibido de Abelardo e Heloísa. A narrativa mostra que Abelardo, sendo filósofo e professor universitário, não podia se envolver

com as mulheres. Entretanto, ele se apaixonou e se entregou aos prazeres carnavais. O filme também mostra como a Igreja passa a idéia de um Deus que condena e que exige grandes sacrifícios para que o pecador receba o perdão que deseja. Há, implicitamente, a idéia de que tudo que gera felicidade é pecado e, portanto, merecia a punição mais cruel que existia na época em que o pecado foi cometido. No caso do filme, o amor é retratado como um grande pecado. Originariamente, na obra literária, também são identificados com esse grande pecado, a transgressão das normas e a liberdade de pensamento.

Para trabalhar esse filme o professor apresentou aos alunos o roteiro que será transcrito abaixo, sendo que a discussão com os alunos é realizada após assistirem ao filme:

- Qual ano e país de produção do filme?
- Qual o estilo (gênero) adotado pelo filme para sua abordagem dos acontecimentos apresentados?
- Pensando no que foi discutido anteriormente em sala de aula, sobre a transição da Idade Média para a Idade Moderna, como podemos entender quais papéis representam Heloísa e Abelardo?
- Como é apresentada a vida no campo e na cidade do filme?
- Como é apresentado o papel da Igreja Católica? O lugar da mulher? A escola e seu método de ensino?
- Por que o professor de Filosofia não deveria casar?
- Quais críticas temos ao filme?

b) Série: 1º ano do Ensino Médio

Filme: A Guerra do Fogo

O professor forneceu aos alunos o seguinte roteiro sobre o filme:

- Como conseguir o fogo?
- Como fazer a guerra?
- Como/onde morar?
- Como se vestir, enfeitar?
- As relações entre os grupos?
- A mulher: o lugar e o papel?
- As ausências no filme?
- Qual a mensagem que o diretor quis passar na última cena?

Durante a exibição do filme o professor também chama a atenção dos alunos para alguns pontos que devem ser observados com mais atenção. Apresentamos, a seguir, os aspectos que foram apresentados pelos alunos e pelo professor após assistirem ao filme:

- O filme procura mostrar o processo de humanização;
- Capacidade dos grupos humanos rirem;
- A mulher vai conquistando o papel de companheira ao lado do homem;
- Inovação tecnológica: capacidade de produzir o fogo;
- Uso do fogo: aquecer, cozinhar alimentos, produzir armas;
- O filme mostra a coexistência de vários grupos humanos. O gênero humano surgiu simultaneamente em várias partes da Terra.

- O que os alunos incluiriam se fossem fazer o filme?

c) Série: 1º Ano do Ensino Médio

Filme – documentário: Incas – segredos dos ancestrais

O professor desenvolve questionamentos e instiga os alunos a exporem sua compreensão sobre o filme assistido, seguindo o roteiro abaixo:

- Os alunos devem fazer críticas ao filme.
- Qual a visão que o vídeo tem sobre os incas?
- Quais são os aspectos positivos e negativos do filme?

No debate sobre o filme, o professor apresentou a seguinte observação: o filme explora o aspecto cultural e pitoresco da civilização inca, não enfatizando, por exemplo, a organização da sociedade.

d) Filme: Tempos Modernos

Série: 7ª série do Ensino Fundamental

Objetivo do trabalho: discutir a condição do operariado na indústria.

Desenvolvimento da atividade: Após a exposição oral e/ou escrita da temática pelo professor ou pelos alunos o filme deverá ser analisado priorizando os seguintes aspectos: as condições de trabalho nas fábricas, o cotidiano da vida moderna e a luta do operariado. É necessário que o professor, antes da exibição do filme, contextualize-o historicamente esclarecendo aos alunos alguns pontos tais como: o país produtor do filme (EUA), o seu diretor e ator principal (Charles

Chaplin) e o ano de produção (1936) para que reconheçam a ousadia e genialidade de Carlitos que conseguiu fazer uma crítica feroz ao capitalismo numa época em que as idéias nazistas e fascistas ganhavam força nos países europeus. Este filme chegou a ser proibido na Alemanha e Itália por ser considerado “de esquerda”.

e) Filme: O Nome da Rosa

Série: 3ª série do Ensino Médio

Desenvolvimento da atividade:

- discussão de texto, com o grupo-alvo sobre o papel da Igreja Católica na cultura e na sociedade medieval;
- exibição do vídeo (solicita sempre um resumo escrito do filme aos alunos, que deve ser feito individualmente);
- discussão em grupos sobre o filme:

Na atividade em sala de aula, o professor dirige os trabalhos com questões que encaminham o curso da discussão, com as questões:

- * Até que “ponto” a arte cinematográfica “representa” a realidade histórica?
- * Identificar os principais temas teológicos discutidos no filme.
- * Associar os temas discutidos com a realidade histórica medieval.

Os depoimentos e as propostas do uso do filme como recurso didático demonstram os caminhos trilhados pelos professores do CAp/UFPE, bem como as potencialidades para melhorias no processo de aprendizagem do ensino de História.

CONCLUSÃO

Depois dessa intensa viagem pelo mundo do ensino de História, conseguimos chegar ao final, com a certeza de que há vários meios alternativos para sairmos do apoio apenas do livro didático para pesquisar, aprender e ensinar essa matéria tão apaixonante que é a HISTÓRIA. Também aprendemos que é possível despertar no aluno o desejo de explorar e construir o conhecimento, seja através de jogos, de pesquisa em CD-Rom ou do convite para assistir a algum filme que aborde questões históricas brasileiras ou internacionais e depois debater sobre vários pontos apresentados no mesmo.

O professor tem a árdua tarefa de garimpar o terreno dos recursos que podem ser utilizados, escolhendo os que mais se adequam à sua clientela e ao seu objetivo pedagógico. Entretanto, não queremos dizer que o livro didático deva ser jogado no lixo. Ele deve ser utilizado em parceria com os outros meios, mesmo porque, conforme discutimos no capítulo um, os livros didáticos apresentam uma vasta iconografia que pode ser analisada em sala de aula, para assim conhecer vários aspectos históricos representados nas figuras. O livro didático também dará bom resultado se bem utilizado com os paradidáticos, que atualmente estão seguindo várias tendências historiográficas, com um leque temático bem mais abrangente que o livro didático.

Sem dúvida, o impacto e o alcance pedagógico do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação no ensino de História e de outras disciplinas ainda merecem outros estudos analíticos, que identifiquem as mudanças efetivas no processo de aprendizagem do aluno. Além disso, tanto os CDs como os filmes analisados aqui representam apenas uma pequena amostragem, uma vez que hoje o mercado apresenta

muitas alternativas desses dois tipos de materiais para serem analisados e utilizados pelo professor.

O uso didático dos recursos de natureza multimídia, em especial dos CD Roms, requer que o professor domine novas habilidades, se atualize, sendo prioritário saber utilizar o computador e conhecer alguns termos que surgiram depois da ascensão da informática, como por exemplo, link, software, hardware, entre outros. A capacitação do professor na utilização dos recursos didáticos, para além dos livros didáticos, se faz necessária e urgente, pois existem muitos ainda “analfabetos digitais”, e poderá proporcionar mudanças metodológicas, conforme a utilização que seja feita deles, contribuindo para a redução do processo de retenção e/ou evasão escolar.

Segundo análise aqui realizada, à primeira vista os CD Roms assemelham-se bastante aos livros didáticos impressos, podendo ser considerado apenas um livro didático eletrônico, inclusive com textos seguindo a concepção positivista da História presente em muitos livros didáticos. O que importa ressaltar no uso do CD Rom é o seu sentido inovador por ter um suporte diferente, com tecnologia avançada, que atua como um recurso com maior potencial para instigar o aluno, apresentando-lhe mais opções e mobilidade no uso desse recurso no processo de ensino-aprendizagem.

O CD pode ser um importante aliado do professor, principalmente, no caso dos alunos que não gostam de livros e são fascinados pela informática, uma vez que o computador permite a interatividade, o movimento das imagens, a presença da imagem aliada ao som, enfim, esse recurso possui grande capacidade de seduzir o aluno.

Não podemos deixar de ressaltar que, considerando os CDs analisados neste trabalho, observamos uma grande preocupação quanto à apresentação dos documentos ditos oficiais. Mesmo havendo a ampliação do conceito de documento segundo a visão da Nova História, conforme já apresentamos anteriormente, é de grande valia para o professor e para o aluno encontrar esses documentos em Cd's, já que é muito trabalhoso do ponto de vista físico, e monetariamente oneroso o deslocamento para vários lugares a procura de documentos. Além disso, às vezes não é todo mundo que tem acesso e permissão para manipulá-los. Julgamos que neste aspecto, principalmente, os CDs representaram um grande avanço na colaboração para a pesquisa histórica.

No que diz respeito aos filmes, após essa pesquisa, podemos afirmar que a eficiência dele na abordagem de qualquer assunto histórico e sua boa receptividade por parte dos alunos, depende, entre outras coisas, da forma como o professor irá utilizá-lo e das experiências que esses alunos já tiveram no que diz respeito a esse material. Considerando que o filme é uma arte que exige muita habilidade para ser analisado profundamente, tanto o professor como o aluno, apenas com o tempo passarão a conseguir captar algumas informações que são passadas nas “entrelinhas”, uma vez que nem tudo é mostrado explicitamente. A linguagem do cinema se diferencia da linguagem dos livros didáticos e, portanto, precisa ser minimamente conhecida pelo professor. Além disso, assim como cada vez que lemos um livro descobrimos novas informações, a cada vez que assistimos a um filme prestamos atenção a novos aspectos e a questões abordadas.

O uso do filme como recurso didático ganha cada vez mais espaço no processo educativo, e para o ensino de História a diversidade existente disponível no mercado estimula o seu uso. Na amostragem deste trabalho, apresentamos filmes sobre a história mundial que podem ser enquadrados na periodização mais disseminada da História, qual seja: Pré-história, América Pré-Colombiana, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Valendo ressaltar que todos eles abordam temáticas que vão além da preocupação factual, embora tratem de temas clássicos na historiografia. Também para a História do Brasil podemos identificar filmes, cujas temáticas estão temporalmente enquadradas na periodização: Colônia, Império e República.

Devemos lembrar que nenhum desses recursos é eficiente por si só, mas depende da forma como o professor vai convidar os alunos para utilizá-los na exploração e construção do conhecimento histórico.

Esperamos que muitos professores tenham acesso a esse trabalho e que o mesmo lhes seja útil, ajudando-os na tarefa do dia-a-dia. Também desejamos que outros pesquisadores venham se dedicar ao estudo de formas úteis para melhorar o trabalho em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZI, Riolando. **Cinema e Educação: orientação pedagógica e cultural de vídeos.** São Paulo: Paulinas, 1996. v. 2
- BANN, Stephen. **As Invenções da História: ensaios sobre a representação do passado.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **O uso do vídeo no Ensino de História.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2000.
- BIANCO – FELDMAN, Bela & LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas: Papyrus, 1998.
- BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história.** Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CALLAI, Jaeme Luiz (org.). **Área de Estudos Sociais – Metodologia.** 2ª ed. Ijuí, Unijuí Ed., 1986.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a História e os historiadores.** São Paulo: Ática, 1995.
- COLLI, Jorge. *“A pintura e o olhar sobre si: Victor Meirelles e a invenção de uma história visual no século XIX brasileiro”.* In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- D'EUGENIO, Marcos Francisco Napolitano e outros. **Linguagem e canção**: uma proposta para o ensino de História. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero (ANPUH) v. 7, nº 13, set. 1986/fev.1987.
- DIEHL, Astor Antônio (org.) **O livro didático e o currículo de História em transição**. Passo Fundo: Ediusf, 1999.
- DUARTE, Regina Horta. **Imagens do Brasil**: o cinema nacional e o tema da Independência. In: *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora, v. 6, nº 1, p. 99-115, 2000.
- FERREIRA, José Roberto Martins. **História**. 5ª série. Ed. Reform. São Paulo: FTD, 1997.
- FERRO, Marc. **A História Vigia**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993. (Coleção Magistério, formação e trabalho pedagógico).
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História**: Diversificação de Abordagens. In: SILVA, Antonio Marcos (org.). *História em quadro-negro (Escola, Ensino e Aprendizagem)* *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Marco Zero (ANPUH) v. 9, nº 19, set.1989/fev.1990. pp. 197-208.
- FONSECA, Selva Guimarães. **A indústria cultural e as mudanças no ensino de História**. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura História em Debate*. São Paulo: Editora UNESP. Seminários e Debates, 1995. Pp. 147-156.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, Jacques (org.). **A História Nova**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

- NEVES, Maria Aparecida Mamede. **Ensinando e Aprendendo História.** São Paulo: EPU, 1985.
- NIDELCOFF, María Teresa. **As Ciências Sociais na Escola.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- NIKITIUK, Sônia L. **Repensando a História.** São Paulo: Cortez, 1996. – (Questões da nossa época; v.52)
- NUNES, Silma do Carmo. **Concepções de Mundo no Ensino da História.** Campinas, S.P.: Papyrus, 1996.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Coleção História &... Reflexões, 1.
- PANNUTI, Maria Regina Viana. (coord.). **Estudos Sociais:** uma proposta para o professor. Petrópolis: Vozes, 1981.
- PINSKI, Jaime (org.). **O ensino de História e a criação do fato.** São Paulo: Contexto, 1997. (Coleção Repensando o Ensino)
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SALIBA, Elias Thomé. *Experiências e representações sociais: Reflexões sobre o uso e o consumo das imagens.* In BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História: Indagações na Passagem para o Modernismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, Marcos A. **História: o prazer em ensino e pesquisa.** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Marcos A. (org.) **Repensando a História.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

SOARES, Mariza de Carvalho (org.). **A História Vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário sobre a escola

Prezada Diretora:

Para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa que estou realizando sobre o ensino de História, gostaria que a senhora respondesse o questionário que segue. O questionário possui a finalidade de coletar informações sobre a escola, para que eu possa fazer a caracterização da mesma na dissertação.

Nome da Escola: _____

Endereço: _____

Nome da diretora: _____

Em quais turnos a escola funciona? _____

Nº de alunos por turno: _____

Nº de salas de aula: _____

Séries existentes na escola: _____

Nº de professores: _____

Nº de professores de História: _____

A escola possui sala de vídeo? _____

A escola possui laboratórios? Quais? _____

Qual é o tipo de clientela atendido pela escola? _____

Quais os espaços físicos a escola dispõe para que os professores desenvolvam o trabalho com os alunos? _____

Quais recursos materiais a escola oferece aos professores? _____

A escola dispõe de computadores para o uso dos alunos? _____

A escola possui acervo de vídeo sobre História? _____

A escola possui acervo de CD Rom sobre História? _____

Obrigado pela colaboração

Ana Lúcia Morais de Brito

Recife, 11. 2000

Anexo 2 – Questionário: Perfil do Professor e Uso de Recursos Didáticos

Prezado(a) Professor (a):

Gostaria de contar com a sua colaboração para a realização de uma pesquisa sobre recursos didáticos para o ensino de História. Para isso desejaria que respondesse o questionário que segue.

Nome: _____

Em faculdade/universidade se formou? _____

Qual é sua formação (curso) e qual a data de conclusão? _____

Há quanto tempo leciona? _____

Com quais séries já trabalhou? _____

Atualmente trabalha com quais séries? _____

Quais recursos didáticos já utilizou e/ou utiliza em sala de aula? _____

Já utilizou ou utiliza CD Rom, música e/ou filmes para ensinar História?

Se já utilizou:

Qual (quais) CD Rom(s)? _____

Qual (quais) música (s)? _____

Qual (quais) filme(s)? _____

Qual sua opinião sobre o uso desses recursos no ensino de História? _____

Obrigada pela colaboração!

Ana Lúcia Morais de Brito

Anexo 3 – Questionário Sobre o Uso de Filmes

Este questionário faz parte do material que estou utilizando no desenvolvimento da minha pesquisa sobre ensino de História. Sua colaboração é muito importante para a realização da mesma.

- 1) Na sua opinião, em que momento da aula o filme deve ser utilizado: na introdução de um tema histórico, durante o desenvolvimento do tema ou para conclusão?
- 2) Qual é a receptividade dos alunos no momento em que se propõe a projeção de algum filme?
- 3) Escolha um filme que você já tenha utilizado em sala de aula e elabore uma proposta de trabalho para aplicação na aula de História. Mencione a série na qual a proposta será aplicada e o objetivo ao trabalhar com o filme escolhido.
- 4) Você tem alguma restrição quanto ao uso de filmes nas aulas de História? Se sim, quais?

Obrigada pela colaboração
Ana Lúcia Morais de Brito

Anexo 4 - “Autódromo”: Jogo didático criado pelo professor Celso Antunes.

“1. O professor prepara o quadro, de acordo com o número de grupos e alternativas a serem trabalhados.

	50km	100km	150km	200km	250km	300km
Gr. 1						
Gr. 2						
Gr. 3						
Gr. 4						

2. O professor, pausadamente e sem repetições, lê duas afirmativas sobre a matéria estipulada.

3. Os alunos, em grupo, discutem rapidamente se as afirmativas são falsas (F) ou verdadeiras (V).

4. O professor escuta e anota no quadro as respostas dos grupos (FV-VF-VV ou FF), tendo o cuidado de variar a ordem de escuta.

5. O professor relê as afirmativas, comentando-as.

6. O professor marca no quadro os grupos acertadores que, assim, avançam na quilometragem.

Variante: distribuem-se afirmativas por escrito aos grupos, dando-se tempo maior para discussões mais profundas. Posteriormente, cumprem-se as etapas d, e, f. (sic)”.

Fonte: Neves, Maria Aparecida Mamede. **Ensinando e aprendendo História**. São Paulo: EPU, 1985. p. 89-90.